

# A PRODUÇÃO DE OS HERDEIROS<sup>1</sup>

## THE MAKING OF LES HERITIERS

Philippe Masson\*

### Introdução

*Os Herdeiros*, de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron, se tornou um “clássico” da sociologia francesa da educação. A obra, ainda hoje debatida e estudada nos cursos dessa área específica de conhecimento na Universidade, foi apresentada com outras obras dos mesmos autores, como característica de uma escola de pen-

samento ou de uma linha de pesquisa específica da sociologia francesa, a partir da qual se definiram alhures outras tradições, ou, mais modestamente, que favoreceu a elaboração de novas pesquisas nesse domínio<sup>2</sup>. Esse livro é geralmente citado para caracterizar a perspectiva de seus autores sobre a instituição escolar. No entanto, o contexto social, político e intelectual, no qual o livro foi elaborado, foi pouco a

\*Doutor em Sociologia pela *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS) - Paris/França. Ele é *maître de conférences* em sociologia na Université de Nantes (França). Publicou, entre outros, *Les coulisses d'un lycée ordinaire: enquête sur les établissements secondaires des années 1990* (PUF, 1999); *Faire de la sociologie: les grandes enquêtes françaises depuis 1945* (La Découverte, 2008) e vários artigos sobre a história da sociologia francesa contemporânea. philippe.masson@univ-nantes.fr.

1. Artigo publicado originalmente na *Revue Française de Sociologie*, intitulado “La fabrication des Héritiers”, Paris, nº 42-3, 2001, p. 477-507. Agradecemos ao autor Philippe Masson e aos editores da *Revue Française de Sociologie*, na pessoa de Louis-André Vallet (diretor da RFS) e de Christelle Germain (secretária de redação), pela graciosa e confiante autorização para a tradução e a publicação deste artigo. Tradução de Juarez Lopes de Carvalho Filho, professor do Departamento de Sociologia e Antropologia e membro do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Maranhão.

2. O título do livro acabou determinando, nas obras de sociologia da educação, um tipo de estudante que seria característico dos anos 1960. É preciso sublinhar que a noção de herdeiro (ou herança) a respeito dos estudantes ou dos alunos do ensino secundário havia sido utilizada por Raymond Poignant, em 1957, durante uma de suas conferências em Strasbourg, durante as jornadas de estudos do *Bureau universitaire de statistique*, publicado em seguida na revista *Avenirs*. Poignant utiliza a expressão “*élève par héritage*” (aluno por herança) (p. 9) para evocar a ausência de democratização escolar (POIGNANT, 1975).

pouco sendo esquecido. Da mesma forma, se preferiram as ideias expressas pelos autores nos seus relatórios de pesquisa, do que os modos de coleta e de tratamento dos dados adotados por eles, que foram também negligenciados. Uma história da sociologia baseada numa verdadeira *démarche* histórica e não reduzida a uma história das ideias não pode negligenciar esses aspectos. Este artigo se propõe analisar esses aspectos. Trata-se, em efeito, de estudar através desse caso particular certos traços da história da sociologia francesa a partir dos anos 1960<sup>3</sup>. Adotarei aqui uma *démarche* não normativa, ou seja, desvinculada e distanciada dos julgamentos de valor que podemos expressar em relação às obras de sociologia a partir de normas estabelecidas no momento. Em efeito, o objetivo não é de proceder a uma análise crítica das teses do livro segundo a perspectiva da história das ideias, nem de estudar a pertinência ou o interesse de certos conceitos utilizados pelos autores<sup>4</sup>.

Para analisar os relatórios de pesquisa, considerarei que os produtos principais da atividade ordinária dos pesquisadores em ciências sociais são os textos, e não

as ideias ou as teorias, que podem tomar as formas variadas (do relatório mimeografado ao livro publicado, passando por um artigo numa revista). A sociologia é ensejada aqui como um empreendimento coletivo estabelecido e uma atividade de trabalho entre outras, vinculada a princípios de determinação variados e cujas combinações, variáveis segundo as épocas, não podem ser estabelecidas *a priori*. Inúmeros estudos de história das ciências sociais mostraram a fecundidade dessa perspectiva tomando por objeto de investigações uma *démarche* particular de pesquisa (PLATT, 1983; BULMER, 1984; CHAPOULIE, 2001). Proponho-me adotar essa perspectiva para analisar a produção de um livro de sociologia. Consagrarei uma atenção particular aos modos de construção de dados adotados pelos autores de *Os Herdeiros* nas suas enquetes e apresentados nos seus relatórios. Indicarei, para começar, os diferentes elementos do contexto institucional, social e político da época, que influenciaram na elaboração desse livro. Esta análise permite compreender a perspectiva adotada pelos autores. Examinarei, em seguida, o lugar da obra

3. Este artigo é fruto de um curso de sociologia da educação no nível de graduação e de um conjunto de pesquisas sobre a história da sociologia francesa nos anos 1960. No que concerne a *Os herdeiros*, ele constitui apenas uma parte de um relatório mais amplo. Deixarei de lado aqui a análise do papel exercido pelo livro na definição da sociologia, tal como ela aparece nos anos 1960, bem como a análise do sucesso da obra para além da disciplina. Agradeço a Jean-Michel Chapoulie, Henri Peretz, Jennifer Platt, Marc Suteau, assim como aos membros do comité de redação da *Revue Française de Sociologie*, por suas observações sobre as versões anteriores do texto.

4. No entanto, é geralmente esse modo de análise que é mais frequente, em particular dos pesquisadores que se confrontam com o trabalho de Pierre Bourdieu. Cf., para alguns exemplos recentes, Fowler (1997); Lahire (1999); Pinto (1999); Sayer (1999); Swartz (1997). É evidente que a adoção desse modo de análise centrada sobre as ideias ou as teorias de um pesquisador conduz inevitavelmente a discussões sem fim sobre as interpretações exatas ou leituras equivocadas da obra. Tentarei evitar esse tipo de debate me consagrando somente aos aspectos mais concretos da pesquisa. No entanto, não estou tão certo de que essa precaução seja suficiente para evitar qualquer etiquetagem de “leitura mal-intencionada ou equivocada” da obra, da parte daqueles que estão implicados.

na sociologia da educação emergente no início dos anos 1960 e a *démarche* de pesquisa adotada pelos autores<sup>5</sup>.

### A oposição ao contexto intelectual, social e político do início dos anos 1960

O contexto intelectual e social no qual foi elaborado *Os Herdeiros* não é independente dos elementos que favoreceram seu sucesso e sua notoriedade para além do círculo relativamente estreito dos sociólogos dos anos 1960. Ao mesmo tempo, não se pode compreender esse livro, como qualquer outra pesquisa em sociologia, fora do contexto no qual ele foi pensado. As pesquisas empíricas realizadas sobre sociólogos e sobre tradições de pesquisas mostraram claramente que as obras de pesquisadores dependem de um grande número de elementos heterogêneos e de circunstâncias. Como para qualquer outra pesquisa, alguns desses elementos podem ser claramente percebidos e abertamente assumidos por autores num determinado período. Outros, ao contrário, passam em silêncio, sem que possamos saber se aquilo resulta de uma atitude refletida ou inconsciente.

Em certos casos, os depoimentos retrospectivos dos autores são geralmente pouco úteis, na medida em que esses muitas vezes são reconstruções do passado a partir da concepção que eles fazem de sua situação no presente, em particular, dos seus interesses profissionais. A apresentação das “razões” que motivaram os autores de uma pesquisa, a partir de uma perspectiva intencional, negligencia, às vezes, os elementos ligados ao contexto sociopolítico da época, aos aspectos contingentes do trabalho de pesquisa, ou ao estado institucional de uma disciplina. Ao contrário, ela visa, em geral, ressituar retrospectivamente a obra num percurso intelectual e profissional coerente<sup>6</sup>. A análise paralela do contexto da época e do conteúdo da obra de Bourdieu e Passeron faz claramente aparecer que esse livro foi parcialmente escrito em reação a certos aspectos desse contexto. Trata-se de uma reação negativa não somente em relação às análises dominantes em certas disciplinas universitárias como a filosofia e a sociologia, mas também em relação aos discursos profanos sobre a instituição escolar, veiculados, em particular, por organizações estudantis e sindicatos docentes.

5. Este artigo se apoia sobre um levantamento sistemático nas revistas de sociologia da época, nas revistas generalistas destinadas ao público intelectual (*Les Temps Modernes*, *Esprit*, *La Nouvelle Critique*, *La Pensée*), nos semanários (*Le Nouvel Observateur*, *L'Express*), em revistas sindicais de professores ou estudantes; sobre o levantamento em arquivos disponíveis, em particular dos relatórios mimeografados do *Centre de Sociologie Européenne*, fornecidos por Jean-Michel Chapoulie et Monique de Saint-Martin, a quem agradeço; sobre entrevistas realizadas por mim junto a Paul Clerc, Monique de Saint-Martin, Yvette Delsaut, Henri Peretz, Viviane Isambert-Jamati, François Isambert (em colaboração com Jean-Michel Chapoulie). Enfim, fui beneficiado pela entrevista de Michel Eliard realizada por Marc Suteau na perspectiva deste trabalho.

6. Encontraremos em Bourdieu (1987, p. 13) um exemplo de depoimento sobre *Os herdeiros* que minimiza o papel do contexto social e político da época. Neste, o autor adota uma perspectiva intencional. Para nuançar esse ponto de vista, podemos ler o depoimento de Passeron (1996).

## A ruptura com o existencialismo

Para apreender a originalidade que constitui retrospectivamente o livro de Bourdieu e Passeron, aspecto relativamente bem conhecido, apresentarei brevemente as principais características do contexto intelectual do debate dos anos 1960. Como sabemos, os anos 1950 foram marcados pela dominação nos debates intelectuais e filosóficos da fenomenologia e do existencialismo, cujo representante mais visível era Jean-Paul Sartre. Os intelectuais definem suas fronteiras geralmente em referência a um duplo modelo: um modelo negativo, ao qual eles desejam se opor, e um modelo positivo, que constitui, aos seus olhos, um modelo exemplar a ser seguido. Sem dúvida, como ele geralmente afirmava, Sartre constituía para Bourdieu o modelo negativo, na primeira parte de sua carreira universitária, rejeitando neste não somente a filosofia do sujeito e da consciência (um “humanismo”) que ele propôs, mas também, o seu modelo de engajamento nos debates públicos<sup>7</sup>. Paralelamente, uma história da filosofia (ao lado de Martial Guéroult, Jean Hypolyte) e uma filosofia das ciências (Gaston Bachelard, George Canguilhem e Alexandre Koyré) se desenvolviam à margem dessa corrente dominante na filoso-

fia francesa. Esses últimos vislumbravam a história do saber científico como uma série cumulativa de modelos racionais fugindo de qualquer representação subjetiva. Essa filosofia das ciências inspira uma parte importante das análises das ciências sociais a partir do final dos anos 1950. Ela marca um número muito considerável de estudantes do final dessa década bem como dos anos 1960 que encontram nesses autores um novo modelo de cientificidade para as ciências sociais, como sugere Henri Peretz numa entrevista:

Canguilhem era aquilo que se considerava de mais forte na época (os anos 1960). *Les normaliens*<sup>8</sup> iam fazer seus estudos superiores com Canguilhem. Eu estava muito interessado pela história das ciências. Koyré e Granger estavam acima de todos os outros. Os cursos de Koyré me fascinavam e, notadamente, eu estava muito interessado na Astrofísica. Por outro lado, para a *agrégation* de Filosofia obtive um diploma de Astrofísica. Portanto, nesse momento, era Canguilhem; e eu, então, fiz meus estudos superiores com ele. Ele era *la crème de la crème*. Por que isso conta? Porque no clima intelectual da época, uma das posições que se tornam importantes nos anos 1960 e 1970 era esse ponto de vista que eu qualificaria de construtivista, no sen-

7. A relação com Sartre é provavelmente a mais complexa como sugere o engajamento recente de Bourdieu nos debates públicos, em particular, e políticos, esses últimos anos. Bourdieu forneceu, em diferentes momentos de sua carreira, depoimentos que não se correspondem totalmente, sobre a sua visão do contexto intelectual e acadêmico desse período e das razões de suas próprias escolhas intelectuais. Cf. Bourdieu (1980, p. 7-40; 1987, p. 13-71; 1997, em particular p. 44-53). Encontraremos em Bourdieu e Passeron (1967) uma contribuição à análise da filosofia e da sociologia para o período 1945-1965. Por outro lado, existem várias análises do contexto intelectual e acadêmico, centradas sobre a filosofia e a sociologia desse período, do final dos anos 1950 e do início dos anos 1960: por exemplo, Peretz (1991), Pinto (1987 e 1999, capítulo 1).

8. Relativo aos estudantes na *École Normale Supérieure* (N.T). “Grande Escola” universitária francesa da área de Filosofia e Letras, cuja rigorosa seleção leva à formação de uma elite intelectual. Ela prepara, também, para a *agrégation* (N. T.).

tido de que a apreensão do real passava por categorias, e que, *grosso modo*, o modelo era o das ciências da natureza.

O modelo positivo, que poderia sugerir a direção a seguir por uma definição de uma ciência social oposta ao existencialismo e que repousaria sobre critérios aceitáveis, do ponto de vista da filosofia das ciências, era manifestamente a antropologia tal como praticada por Claude Lévi-Strauss. Este buscava desprender “a estrutura fundamental do espírito humano”. Ele desejava mostrar que toda representação do mundo coloca em prática estruturas mentais inconscientes comuns a povos diferentes. Lévi-Strauss, nascido em 1908, havia obtido, a partir de meados dos anos 1950, uma grande notoriedade, em particular com a publicação em 1955 de *Tristes tropiques*, livro escrito no estilo literário, que conheceu um grande sucesso. Ele representava um modelo a ser seguido pela nova geração de antropólogos franceses. Sartre, que havia adquirido notoriedade imediatamente após a Segunda Guerra, aparecia menos como modelo a ser seguido, especialmente a partir dos anos 1950, com a mudança do contexto político e intelectual. Já a carreira de Lévi-Strauss, cuja legitimidade era fundada num reconhecimento científico, eleito para o *Collège de France* em 1959 (um ano após a publicação de seu livro *Anthropologie structurale*), poderia, mais do que Sartre, servir de modelo à geração nascida nos anos 1930.

O livro de Bourdieu e Passeron, publicado em 1964, tem a particularidade de combinar uma pesquisa empírica, em conformidade com o modelo de pesquisa sociológica da época, e uma análise abstrata da instituição escolar, que será mais amplamente desenvolvida em seguida. E, ainda, se fundamenta implicitamente, quer sobre a tradição epistemológica bachelardiana das ciências (que insiste sobre a ruptura com o senso comum), quer sobre o modelo da antropologia estrutural na busca de “leis gerais” dos comportamentos sociais. De outro modo, a determinação objetiva das “condições sociais de possibilidades” dos comportamentos (noção que encontra diretamente sua inspiração na filosofia de Kant, em particular tal como ela está expressa na *Crítica da razão pura*, que era uma referência) contribui, também, para definir um modelo de cientificidade para a sociologia. Os comportamentos sociais são, efetivamente, determinados por elementos estruturais dos quais os indivíduos não têm necessariamente consciência. A análise da instituição escolar a partir de sua função de legitimação da ordem social, que constitui assim uma invariante, permite explicar as razões pelas quais as desigualdades sociais de escolarização se perpetuam. Não se encontra, evidentemente, nenhuma perspectiva desse tipo nas pesquisas sociológicas dos anos 1950, cuja ambição parece, às vezes, se limitar a uma descrição, ou ainda, onde a perspectiva teórica é pouco afirmada. Para Bourdieu e Passeron, trata-se de estabelecer uma sociologia científica fundada no modelo das ciências da natureza, mais precisamente na Física<sup>9</sup>.

9. Essa definição da sociologia se encontra nos sociólogos que se consideram como “próximos” de Bourdieu. Assim, Pinto, no livro que ele consagra à obra de Bourdieu indica que “o mundo social é conhecível como o é o mundo físico: existe, de resto, um alicerce epistemológico em grande parte comum, todas as ciências operando graças a uma aparelhagem idêntica, as leis, as hipóteses, as demonstrações, a quantificação” (PINTO, 1999, p. 112).

## Desenvolvimento da escolarização e os debates sobre a "democratização"

Um segundo elemento do contexto remete às transformações dos níveis de ensino secundário e superior no início dos anos 1960. O livro foi publicado num período de crescimento importante dos efetivos do ensino superior, após a expansão do ensino secundário. Esse número de estudantes aumenta de 42,8% de 1952-1953 a 1960-1961, e em seguida ele dobra entre 1960 e 1965. A partir da metade dos anos 1960, o advento de muitos grupos de faixa etária nascidos após 1945 favoriza o aumento dos efetivos no ensino superior. O número de estudantes é multiplicado por três numa década (de 203.000 estudantes aproximadamente em 1960 para 600.000 em 1969). Esse crescimento da escolarização acompanha inúmeros debates sobre a democratização do ensino secundário e superior. Os membros da comissão Langevin-Wallon desejam, após a guerra, substituir a organização das duas formas de ensino (primário e secundário) socialmente diferenciadas e independentes por uma organização democrática na qual o percurso escolar dos alunos não seria mais dependente de seu pertencimento social, mas unicamente ligado ao seu mérito individual, às suas aptidões. No contexto econômico do pós-guerra, marcado pela reconstrução do país, as mutações industriais e o rápido progresso das tecnologias, a formação de uma mão

de obra qualificada quantitativamente suficiente em relação às necessidades torna-se uma prioridade. Desse ponto de vista, não mais é aceitável que o acesso às posições profissionais qualificadas seja reservado a uma origem social privilegiada. A escolarização de massa, segundo os administradores do Plano, torna-se uma necessidade. Após vários fracassos, a reforma Berthoin<sup>10</sup> em 1959 prolonga a escolaridade obrigatória até 16 anos e instaura um ciclo de observação de uma duração de dois anos (*sixième*<sup>11</sup> e *cinquième*<sup>12</sup>), mas opera uma separação entre as fileiras de escolarização e de ensino. Os sindicatos dos professores diretamente implicados pelo desenvolvimento de um ensino de massa (como o *Syndicat national des instituteurs*<sup>13</sup> [SNI]) e o *Syndicat national de l'enseignement du second degré*<sup>14</sup> se opõem à implantação dessa reforma. A oposição pauta-se, evidentemente, sobre a definição institucional desse tipo de ensino. Os *instituteurs*, que se consideram como os professores do povo e que ministram um ensino de massa, estimam que eles têm a vocação para tal tipo de ensino para além da escola primária. A *Escola Libertadora*, órgão de imprensa SNI, se faz regularmente porta-voz dessa posição: desenvolver um ensino de massa no qual a formação dos alunos ao final do núcleo comum depende unicamente de suas aptidões. Os professores dos colégios e dos liceus consideram, por sua parte, que os alunos das escolas primárias devem aceder em

10. Reforma Berthoin (1959) propõe que a obrigatoriedade escolar seja elevada a 16 anos (efetivada em 1967). E a criação dos *Collèges d'enseignement général* (CEG), anteriormente curso complementar (N. T.)

11. Na França, corresponde à 1ª série do 1º ciclo (Colégio) do 2º Grau. No Brasil equivale à 5ª série do Ensino Fundamental hoje. (N. T.)

12. Equivale à 6ª série no Brasil (N.T.)

13. Sindicato Nacional dos Professores de nível primário (N.T.)

14. Sindicato Nacional do Ensino do segundo grau (N.T.)

massa ao ensino secundário tal como ele é. Para além das divergências concernentes à democratização, essas perspectivas diferentes repousam, em efeito, sobre uma concepção comum do ensino que será criticado em *Os Herdeiros*. Segundo essa concepção, o ensino deve ser meritocrático e a formação dos alunos deve ser fundada nas “aptidões” e nos méritos individuais. Essa oposição é também perceptível no debate sobre a Universidade no início dos anos 1960.

A reforma Fouchet<sup>15</sup> visava a uma especialidade científica e profissional das fileiras, uma reestruturação dos estudos superiores para enfrentar o aumento dos efetivos, mais expressivos em Letras do que em Ciências. O crescimento dos efetivos nas universidades, mais rápido do que o de professores, assim como o aumento, a partir do início dos anos 1960, das taxas de reprovação ao final dos dois primeiros anos de estudos superiores, são fatos geralmente considerados como sinal de “crise da Universidade” por diferentes categorias de agentes interessados. Esta crise dá lugar a um debate público continuado pelas grandes revistas como *Esprit*, *Preuves* e *Les Temps Modernes* em que os universitários, os membros de clubes políticos (como o *Club Jean Moulin*), os responsáveis dos sindicatos dos professores ou dos estudantes apresentam suas propostas<sup>16</sup>. Nesse quadro, a democratização do ensino superior é também objeto de inúmeros debates. Lembrando as desigualdades sociais de escolarização conhecidas desde o final dos anos 1950 pelos trabalhos do *Institut National d'Études Démographiques* (INED)<sup>17</sup>, alguns

sociólogos propõem uma visão otimista da democratização do ensino. Os progressos reais, mas muito modestos, são apresentados como possibilidade de desenvolver o ensino com a implementação das reformas. Raymond Aron, por exemplo, considera para o ensino secundário que o “núcleo comum, os anos de observação, seriam uma etapa decisiva na direção de uma autêntica escola única, aberta a toda a juventude, se distribuindo entre as diversas seções a partir das aptidões e não a partir das origens sociais” (ARON, 1962a, p. 109). Nesse debate, presume-se que existem alunos que são “dotados” e outros “menos dotados” (pontos de vista de várias universidades apresentados no número especial 5-6 de *l'Esprit* em maio de 1964 o mostram claramente). Os alunos devem ser selecionados de acordo com suas “aptidões”, o que promoverá um ensino de massa dado a todas as crianças, independentemente das suas origens sociais. É a esta perspectiva que, evidentemente, irão se opor Bourdieu e Passeron em *Os Herdeiros*. Os autores eram provavelmente favoráveis à escola única como sugerem suas críticas ao “ensino tradicional orientado à formação e à seleção de uma elite de pessoas bem nascidas” (p. 114). Eles propõem igualmente a instauração de uma “pedagogia racional” da escola maternal à universidade, para a implementação do “ensino realmente democrático” (p. 115). Mas eles se opõem claramente ao funcionalismo tecnocrático do ensino, tal como ele é proposto pelos altos funcionários do Plano, para os quais o ensino de massa deve permitir satisfazer as necessidades em

15. A reforma Fouchet data de 1963. Criação do *Collège d'enseignement secondaire* (CES) que unifica os diversos ensinamentos do primeiro ciclo do secundário (N. T.).

16. Ver, por exemplo, *Esprit*, 5-6, mai-juin 1964; *Preuves*, 159, mai 1964.

17. Instituto Nacional de Estudos Demográficos (N.T.)

termos de mão de obra qualificada (p. 114). Eles se opõem, também, às teses da Escola libertadora que vê no ensino de massa (pelo estabelecimento de um núcleo comum) um meio de lutar contra as desigualdades sociais na escola e impedir que o ensino secundário esteja somente voltado aos filhos das classes superiores. Sobre esse aspecto, essa obra sustenta o oposto das teses em voga na época. No entanto, o livro se opõe, também, às concepções das organizações sindicais estudantis que veem o universo estudantil como um “meio homogêneo”.

As transformações qualitativas ou quantitativas do ensino superior acompanham as mudanças importantes no sindicalismo estudantil, em particular, a UNEF (*Union Nationale des Étudiants en France*).<sup>18</sup> Este sindicato se posicionou, desde 1956, pela independência da Argélia, e essa reivindicação apresentada como prioridade pelos dirigentes da UNEF passava ao segundo plano as reivindicações estudantis mais estreitamente ligadas ao sistema universitário<sup>19</sup>. Após o acordo d'Évian<sup>20</sup>, a UNEF teve que encontrar outra pauta de ação, novas reivindicações para estancar uma diminuição importante do número dos seus adeptos. Com o fim da guerra da Argélia, as reivindicações específicas das condições escolares, para os estudantes, tornam-se prioridades. Para os militantes mais ativos e que assumirão rapidamente responsabi-

lidades no seio da organização estudantil (os da *Fédération générale des étudiants en Lettres*<sup>21</sup> [FGEL]), a UNEF deve fundamentar suas reivindicações sobre as condições de trabalho dos estudantes universitários e o questionamento da universidade, no intuito de relançar a ação sindical entre os estudantes. Essa perspectiva conduz os dirigentes da FGEL a privilegiar o que os estudantes têm em comum (as condições de estudo para os universitários) e, sobretudo, o que os separa (as condições de vida, por exemplo). A partir de então, “o meio estudantil [é percebido] como um grupo relativamente homogêneo do ponto de vista da reivindicação social”. A vontade das organizações estudantis (da UNEF assim como da UEC [*Union des étudiants communistes*])<sup>22</sup> de não sustentar sua ação sindical ou política sobre os critérios de origem de classe, mas de colocar, sobretudo, em primeiro plano uma “homogeneidade relativa do meio estudantil”, se baseia também na constatação de uma grande homogeneidade das condições de existência dos estudantes de uma mesma origem social. A revista *Recherches Universitaires*, publicada pela *Mutuelle Nationale des Étudiants de France* (MNEF)<sup>23</sup>, mesmo sublinhando as desigualdades sociais de escolarização no ensino superior, constata em 1964 que 20% dos estudantes filhos de quadros médios têm uma renda inferior a 300 F (francos) por mês, assim como 6,6%

18. União Nacional dos Estudantes da França (N.T.).

19. Para uma apresentação geral da história da UNEF, cf. Monchablon (1983). Sobre as relações do sindicalismo estudantil com a guerra da Argélia, ver Sabot (1995).

20. Resultado das negociações entre os representantes da França e do governo provisório da República da Argélia durante a guerra que envolvia esses dois países. Esse acordo foi celebrado em 18 de março de 1962, em Évian-les-Bains (Haute-Savoie), na França (N.T.).

21. Federação Nacional dos Estudantes em Letras (N.T.).

22. Union des Étudiants Communistes (N.T.).

23. Associação Nacional de Seguridade dos estudantes (N. T.).

dos estudantes têm um pai que pertence ao quadro de profissões liberais ou ao quadro superior. Entre os estudantes de origem operária, 5,6% estão no mesmo caso e somente 2% são filhos de agricultores. A revista conclui que as clivagens sociais, de uma parte, e as diferenças de situações materiais (níveis de renda), de outra, não se correspondem a contento. Segundo ela, os filhos de operários e de agricultores representam a mais baixa proporção de estudantes muito pobres e não são, desse modo, representativos de sua classe social de origem. Bourdieu e Passeron criticam claramente a ideia de uma “condição estudantil homogênea” mostrando que a importância da família na vida do estudante e as facilidades de que ele dispõe para acompanhar seus estudos são desigualmente repartidas segundo a origem social. Os autores criticam implicitamente a *démarche* das organizações sindicais que, negligenciando as diferenças sociais, não podem encontrar senão na atividade universitária “o princípio de definição que permite salvar a ideia de que a condição estudantil é una, unificada ou unificante” (1964, p. 24). Baseando-se nas pesquisas anteriores do INED a respeito das desigualdades sociais no ensino secundário, eles observam que a escolarização na universidade não é senão o resultado de um percurso escolar anterior, marcado por uma forte seleção social. Por conseguinte, os estudantes não podem ter uma experiência coletiva de sua condição.

### A oposição aos massmédilogues<sup>24</sup> e as posições profissionais

Um terceiro elemento do contexto social e intelectual remete às análises sociológicas, em voga na época, sobre o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, a cultura de massa e “a homogeneidade cultural real” que estavam associadas. Essas análises eram principalmente elaboradas por pesquisadores como Georges Friedmann, Edgar Morin, Pierre Fougereyrolas, Joffre Dumazedier e Jean Duvignaud. Georges Friedman havia criado em 1960, com a colaboração de Edgar Morin e de Rolland Barthes, o *Centre d'Études de Communication de Masse* (CECMAS)<sup>25</sup>. Desde o final dos anos 1960, os pesquisadores desse centro propunham uma análise da “cultura de massa” que lhes parecia ser uma característica importante dos países ocidentais a partir do final da Segunda Guerra mundial. Esse tema de pesquisa não era particular à sociologia francesa e Georges Friedmann, como Edgar Morin, o haviam, manifestamente, tomado emprestado por ocasião de suas respectivas viagens aos Estados Unidos, como o sugere claramente, em certos artigos, o número de referências aos trabalhos dos sociólogos americanos<sup>26</sup>. A utilização frequente de alguns desses meios de comunicação, como o rádio, para fins de propaganda na Alemanha nazista e na URSS, pelos homens políticos americanos durante suas campanhas eleitorais, assim

24. Trata-se dos sociólogos especialistas em *Mass media*, Comunicação de Massa (N. T.).

25. Centro de Estudo de Comunicação de Massa (N.T.).

26. Para uma breve apresentação da sociologia das comunicações de massa, cf. Friedmann (1985).

como pelas grandes empresas com fins publicitários, havia levado, desde o final dos anos 1930, uma parte dos sociólogos americanos a analisar os efeitos dos meios de comunicação de massa sobre os comportamentos de uma população<sup>27</sup>. Fruto do desenvolvimento da imprensa, do cinema, do rádio e depois da televisão, uma “cultura de massa” aos olhos dos sociólogos do CECMAS parecia se expandir ao longo do desenvolvimento dessas técnicas de difusão coletiva da informação. Edgar Morin pensava fazer essa demonstração no seu livro *L'esprit du temps*, publicado em 1962. Ele assinalava que o tratamento industrial da “cultura” operado pelos *mass media* favorecia o surgimento de uma “cultura de massa” voltada a “uma massa social, quer dizer, a um gigantesco aglomerado de indivíduos presos dentro das estruturas internas da sociedade (classe, família etc.)” (MORIN, 1962, p. 12). Além disso, o crescimento do número de jovens (de 15 a 25 anos), seguido ao *baby boom* após a Segunda Guerra Mundial, havia conduzido certos pesquisadores, como Edgar Morin, a ver nos comportamentos dessa categoria da população, na virada dos anos 1960, a expressão de uma cultura específica, a cultura dos “adolescentes”. O desenvolvimento da escolarização, de uma parte, a difusão de bens de consumo ligados às atividades de lazer ou destinados aos jovens, de outra (em particular os desenvolvimentos respectivos da indústria do disco e da imprensa voltada para a adolescência), poderiam dar certa consistência à existência de uma faixa etária de comportamentos específicos, em particular, entre os estudantes. Em razão da importância do mercado desses bens e de seu valor simbólico, certos pesquisadores tiraram

conclusões sobre a difusão de modelos de comportamento estudantis, outrora reservados às classes sociais mais privilegiadas, no conjunto de uma faixa etária. E mais, eles pensavam e percebiam uma tendência à homogeneização dessa faixa etária e, mais amplamente, da sociedade em torno desses valores definidos como sendo os das classes médias. Assim, várias análises insistem sobre a homogeneidade cultural dessa categoria (MORIN, 1962; DUQUESNE, 1963). Elas desenvolvem a ideia de que essa “cultura juvenil” pode orientar as normas e os valores da “cultura de massa”. É necessário sublinhar que essas análises eram desenvolvidas ao mesmo tempo daquelas do principal sindicato de estudantes que, por suas reivindicações e sua análise da universidade, insistia sobre a existência de uma “classe estudantil” (GAUDEZ, 1961).

Pierre Bourdieu e Jean-Claude irão claramente criticar essa análise da “cultura de massa”, em artigo publicado em 1963, na revista *Les Temps Modernes*. Para eles essas análises parecem negligenciar as diferenças entre as categorias socioprofissionais tanto no acesso aos meios de comunicação como na atitude frente às mensagens que eles propagam. As críticas de Bourdieu e Passeron se situam em duas dimensões: de uma parte eles observam que a análise dos *massmédiologues* é estreitamente correlata a uma concepção da cultura assim veiculada: uma “cultura de massa”. Esta remete à ideia de um processo de homogeneização da cultura e à ausência ou à diminuição das desigualdades no acesso à cultura. Eles desejam, ao contrário, mostrar a importância do papel da instituição escolar na constituição e na legitimação das diferenças culturais entre

27. Cf. por exemplo, Katz e Lazarsfeld (1955); Klapper (1960).

os grupos sociais. De outra parte, Bourdieu e Passeron criticam a noção central utilizada por esses sociólogos: a noção de *mass media*. Eles sugerem que os *mass-médiologues* não se interrogam sobre a ideologia implícita à qual essa noção remete, mostrando ainda o caráter pouco rigoroso da definição geralmente adotada. Em efeito, esta se baseia às vezes sobre a ampla difusão dos meios de comunicação; outras vezes ela é sinônimo de conteúdo daquilo que é propagado. Mas, sobretudo, eles insistem sobre o fato de que os *massmédiologues* se omitiram em se interrogar sobre as modalidades de recepção das mensagens emitidas pelos meios de comunicação de massa, considerando essa recepção como equivalente entre os diferentes grupos sociais. Bourdieu e Passeron desejaram mostrar, ao contrário, que essa recepção é socialmente determinada e que a instituição escolar tem um papel decisivo nas modalidades de recepção.

Edgar Morin não era o único pesquisador a analisar os efeitos supostos do desenvolvimento das novas técnicas de comunicação. Pierre Fougeyrollas, em *L'action sur l'homme: cinéma et télévision*, publicado em colaboração com Gilbert Cohen-Séart (1961), também adotava essa perspectiva. Revistas como a *Esprit* nº 6, de junho de 1959, consagrada ao tema do lazer e coordenada por Joffre Dumazedier; a *Communications*, criada em 1961, sob a direção de Edgar Morin; e *Prospectives* nº 9, de 1963, evocavam os mesmos assuntos. Por outro lado, essas análises se encontravam, geralmente, associadas às pesquisas sobre o desenvolvimento do lazer que concedia aos meios modernos de comunicação de massa (como o cinema) um papel importante na difusão da cultura. Joffre Dumazedier, que havia anteriormente trabalhado sobre

a televisão e a cultura popular, considerava que o lazer tendia “então a se tornar um fato de massa” (DUMAZEDIER, 1963), o que favoreceria o acesso ao conjunto dos bens culturais. No seu livro *Vers une civilisation des loisirs*, publicado em 1962, ele considerava que o lazer aparecia como “um elemento central da cultura vivida por milhões de trabalhadores” (p. 17). Essas análises não atribuíam senão um papel secundário, explicitamente ou implicitamente, às diferenças entre as classes sociais.

Posto isso, parece provável que a análise das relações dos estudantes à cultura tenha sido encarada como uma resposta possível às análises sociológicas desenvolvidas no final dos anos 1950. Em *Os Herdeiros*, Bourdieu e Passeron começam sublinhando o papel primordial da origem social nas desigualdades de escolarização no ensino superior. Eles evocam isso imediatamente após as desigualdades sociais de acesso “aos bens culturais”, em particular na “frequentação dos museus e mesmo ao conhecimento da história do jazz ou do cinema, frequentemente apresentados como ‘artes de massa’ (p. 32)”. Podemos encontrar outro indicio dessa hostilidade relativa às análises dos *massmédiologues* num segundo artigo de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron, publicado no *Temps Modernes*, em 1965, no qual os autores relembram que sua pesquisa sobre os estudantes contradiz “uma certa sociologia [que] defende os meios modernos de comunicação [...] como veículo principal dos bens culturais, o ensino tradicional não transmitindo mais do que uma cultura vestigial, separada da cultura vigente. No entanto, a enquete sobre as práticas e os gostos culturais dos estudantes mostrou que a erudição sobre o jazz e o cinema é muito rara entre os estudantes e se encontra sobretudo entre os melhores

adaptados ao universo escolar”<sup>28</sup>. Por outro lado, as análises concernentes à autonomia de uma “cultura juvenil” serão também objeto de críticas de outros pesquisadores vinculados ao *Centre de Sociologie Européenne*, como Jean-Claude Chamboredon (1966), que observará “a ilusão culturalista” dessas análises. Certas comunicações do colóquio organizado por Pierre Bourdieu, entre outros, em 1965, retomadas em *Le partage des bénéfiques* (1966), irão criticar implicitamente as análises evocadas precedentemente, que desejariam colocar em evidência um “processo de homogeneização dos universos sociais”. Podemos, no entanto, ler a obra de Darras (1966) como uma crítica das análises sociológicas em voga a partir do final dos anos 1950, que insistiam, por exemplo, sobre a legalização das rendas e das condições econômicas em consequência do progresso técnico e do crescimento, sobre o desenvolvimento de uma civilização do lazer (DUMAZEDIER, 1962), sobre a homogeneização cultural (MORIN, 1962), sobre a definição de uma nova classe operária cujos comportamentos perderiam seu caráter específico e se aproximaria das classes médias (MALLET, 1963). As análises presentes no livro de Darras se opunham às análises tidas como culturalistas que pensariam colocar em evidência os “traços culturais nacionais” (quer dizer específicos) da sociedade francesa (CROZIER, 1963)<sup>29</sup>.

Percebe-se que a oposição entre as perspectivas sociológicas concorrentes se traduz, em parte, como oposições da geração escolar que não viveu as mesmas experiências sociais, assim como oposições das biografias individuais e institucionais adquiridas no início dos anos 1960. As análises de tipo culturalista foram constituídas por sociólogos num contexto intelectual, social e político diferente daquele do início dos anos 1960. Razões biográficas e sociais permitem compreender seu ponto de vista. Esses sociólogos, a maioria nascido no início dos anos 1920, haviam presenciado mudanças econômicas importantes a partir de 1945. Eles assistiram à passagem de uma França empobrecida do final da Segunda Guerra Mundial para essa de meados dos anos 1950, caracterizada pela produção e a venda de produtos de consumo em grande escala. Eles assistiram, também, ao desenvolvimento dos meios de comunicação de massa e uma parte deles havia feito uma ou várias viagens aos Estados Unidos, onde encontraram análises constituídas sobre esses temas. Para Bourdieu e Passeron, *normaliens* e *agrégés* de filosofia, originários das frações inferiores das classes médias, jovens professores no início dos anos 1960, a oposição aos pesquisadores da geração precedente era um meio, entre outros, de adquirir um lugar no interior da disciplina<sup>30</sup>.

28. Bourdieu e Passeron (1965a, p. 445). Esse texto retoma um artigo publicado no *Cahier n° 2 du Centre de Sociologie Européenne*.

29. Bourdieu e Passeron consideravam que esses trabalhos de antropólogos americanos, adotando uma perspectiva culturalista sobre a França, se baseavam sobre descrições muito impressionistas e caricaturais da “cultura francesa”. Eles criticavam certos sociólogos franceses, como Michel Crozier, por opor de maneira implícita os esquemas propostos por certos desses antropólogos culturalistas (BOURDIEU, PASSE- RON, 1965b).

30. A oposição de Bourdieu e Passeron a esses sociólogos da geração precedente é também marcada por uma rejeição à filosofia do sujeito e ao engajamento que eles percebiam nesses trabalhos. Eles expressam isso claramente em artigo de 1957. Eles percebem, assim, no trabalho de Touraine (em particular na *Sociologie de l'action*), os traços de influência de Sartre e de sua filosofia do engajamento.

Um último elemento dever ser levado em consideração. O desenvolvimento das enquetes de sociologia da educação e da cultura do *Centre de Sociologie Européenne* foi facilitado pela chegada, nesse centro, de pesquisadores temporários e técnicos, que podiam ser encarregados de operações de coleta, de codificação e de tratamento de dados estatísticos. Esse fato, não é, no entanto, específico desse centro. É preciso lembrar que a partir de meados dos anos 1950 o número de técnicos de pesquisa cresce no mesmo ritmo do recrutamento dos pesquisadores titulares<sup>31</sup>. O início dos anos 1960 é um período de expansão dos efetivos financeiros e humanos consagrados à pesquisa. Esses meios orçamentários facilitam a produção simultânea, no mesmo centro e para um mesmo pesquisador, de grandes enquetes estatísticas, difíceis de se realizar sozinho. Portanto, esses meios constituem frequentemente oportunidades para relançar antigas enquetes e desenvolver novos projetos, e participam no desenvolvimento das atividades de um centro de pesquisa. Inúmeros sociólogos começaram sua carreira no início dos anos 1960 como pesquisadores temporários, depois como técnicos colaboradores, dos quais alguns, como Monique de Saint-Martin, Yvette Delsaut e Michel Eliard, trabalharam sob a direção de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron no *Centre de Sociologie Européenne*. Michel Eliard relata da seguinte forma sua chegada nesse centro:

Após obter minha graduação em psicologia, em 1961, eu comecei a procurar trabalho, ao mesmo tempo em que me inscrevia no dou-

torado sob a orientação de Jean Stoetzel. Eu obtive contratos temporários em vários centros de pesquisa: com Chombart de Lauwe, por exemplo. Mas o período mais durável foi no *Centre d'Études Sociologiques*, na rua Cardinet, com Joffre Dumazedier que me contratou para analisar, com Marie-Françoise Lanfant, a enquete sobre o lazer em Annecy. O que fazíamos, então? Existia uma divisão do trabalho. Nesse momento, eu fazia, sobretudo, a triagem de cartão perfurado: era dessa forma que nós trabalhávamos na época. Havia alguns mecanógrafos e nós trabalhávamos na máquina de triagem para cruzar as variáveis. Terminando o contrato, fui procurar trabalho em outro lugar e bati na porta do *Centre de Sociologie Européenne*, na rua Monsier Le Prince. Neste, tive a ocasião de ser acolhido por Raymond Aron que me disse: “O CNRS [*Centre National de Recherche Scientifique*]<sup>32</sup> me autorizou a contratar um técnico colaborador”. Era um posto de técnico 1B de nível de graduação. Aron me disse: “Eu gostaria de lhe contratar, mas não tenho com grande precisão uma coisa para você fazer”. Ele me encarregou de algumas traduções, depois me encaminhou a Pierre Bourdieu que coordenava a equipe de pesquisa sobre a educação e a cultura do CSE. Existia no centro, entre outras, uma enquete em curso sobre a fotografia que resultou no livro *Un art moyen*. Aí eu trabalhei um pouco com Denise Jodelet que era a responsável. Mas a meu respeito, Bourdieu perguntou a Passeron: “O que vamos lhe dar para fazer”? Aron me enviou até eles e eles, aparentemente, se sentiam obrigados a me confiar alguma atividade. Passeron lhe respondeu, se minha memória é boa: “Tem no armário a

31. Para uma análise dos meios de pesquisa do *Centre d'Études Sociologiques* (CES), cf. Vannier (1999, p. 196-214) de 1946-1968.

32. Centro Nacional de Pesquisa Científica (N.T.)

enquete sobre os estudantes. O tratamento de dados não resultou em grande coisa. Ele poderia retrabalhar nela”. Então eu me lancei a examinar todos os questionários aos quais os estudantes de várias faculdades de Paris e de província tinham respondido e assim saiu o *Cahier n° 1 du CSE, Os estudantes e seus estudos*. A partir de então, Bourdieu e Passeron investiram fortemente na exploração desses materiais (ao ponto de ter sessão de trabalho à noite na casa de Bourdieu) e isso resultou em *Os Herdeiros* em 1964.

### **Os Herdeiros e a sociologia da educação: a questão da democratização**

*Os Herdeiros* ocupam um lugar particular na sociologia da educação francesa. O livro de Bourdieu e Passeron e os artigos de Alain Girard, publicados na revista *Population* nos anos 1950 e no início da década seguinte, contribuíram para focalizar a pesquisa em torno da questão da “igualdade de oportunidades”. Mas essas pesquisas não perceberam, em parte, a democratização do ensino nos anos 1950. Não obstante, *Os herdeiros* se diferenciam sobre alguns pontos essenciais dos estudos do INED consagrados sobre essa questão.

### **Os primeiros anos da sociologia da educação contemporânea e a questão da democratização**

Os meados dos anos 1960 correspondem ao desenvolvimento da sociologia da educação na França, na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. No final dos anos 1950, os trabalhos anglo-saxônicos sobre a instituição escolar não eram numerosos. Nos Estados Unidos, a sociologia da educação era uma especialidade marginal que tirava pouca atenção dos pesquisadores e de estu-

dantes (GROSS, 1959). Algumas pesquisas sobre as desigualdades no ensino secundário foram realizadas na Grã-Bretanha no final deste período, mas esse campo ficou pouco desenvolvido. As obras conhecidas e marcantes da sociologia anglo-saxônica são publicadas somente em meados dos anos 1960, após a publicação de *Os herdeiros*, por exemplo com o relatório de Coleman et al. (1966) ou o livro de Blau e Duncan (1967). Nos anos 1950 e no início dos anos 1960, nos Estados Unidos, é principalmente uma perspectiva funcionalista que domina, na qual a escolarização é ensejada pelas elites cultivadas como um investimento necessário ao desenvolvimento econômico do país. Essa orientação produtivista, que encontramos na França na mesma época, corresponderá comodamente com uma preocupação igualitária. Dessa forma, as desigualdades sociais em matéria de escolarização não parecem mais aceitáveis, pois elas são associadas à “não utilização de talentos potenciais”. Compreende-se facilmente que Bourdieu e Passeron não tenham buscado suas referências entre esses trabalhos sociológicos. Entre os sociólogos da educação anglo-saxônicos, os autores de *Os Herdeiros* se apoiarão explicitamente, desde o ano 1964, nos trabalhos de B. Bernstein, sociólogo britânico. Este último mostra, desde o início dos anos 1960, que as diferenças de linguagem em uso nas diversas classes sociais revelam as diferenças de êxitos e de comportamento na escola. Os trabalhos de Bernstein (1959, 1960 e 1961) são também citados no *Cahier n° 2 du Centre de Sociologie Européenne*, centrados sobre a relação pedagógica, e sobretudo em nota, servindo simplesmente de apoio à argumentação. Bourdieu se apoiará, também, em alguns de seus artigos posteriores (BOURDIEU, 1966, por exemplo) sobre os trabalhos de Kurt Lewin, psicólogo ame-

ricano, para evocar a relação entre as aspirações dos indivíduos e suas probabilidades de atingir seus objetivos, em função de seus sucessos e de seus fracassos anteriores. Essa questão já havia sido tratada como objeto em inúmeros trabalhos nos Estados Unidos, tanto no campo da educação como nos estudos feitos sobre a delinquência<sup>33</sup>. Mas Pierre Bourdieu havia observado esse problema nos seus trabalhos anteriores sobre a Argélia, e é possível que, no início dos anos 1960, as referências do autor sejam, dessa forma, principalmente francesas (a utilização das referências anglo-saxônica por Bourdieu não aparecem senão com o desenvolvimento das pesquisas em sociologia de educação do *Centre de Sociologie Européenne*).

Na França, a denominação “sociologia da educação” não era utilizada nem nas resenhas de pesquisas, nem nos relatórios de atividades do *Centre d'Études Sociologiques* dos anos 1950; foi preciso esperar 1961 para vê-la aparecer como intitulado de uma seção confiada a Viviane Isambert-Jamati no *L'Année Sociologique*. Os primeiros trabalhos que podemos classificar hoje com essa rubrica “sociologia da educação” são, de fato, os de Alain Girard, publicados em meados dos anos 1950. Trata-se de uma série de artigos que analisam a aprendizagem dos alunos das

séries do final dos estudos das escolas primárias<sup>34</sup>. A esses artigos se acrescenta o de Christiane Peyre (1959), publicado em um número de *Recherches de Sociologie du Travail*, “*École et société*”, coordenado por Pierre Naville. Este último tinha, como se sabe, publicado vários livros e artigos sobre a formação profissional logo após a Segunda Guerra. O estudo de Peyre se apresenta como uma análise da evolução das desigualdades sociais de escolarização após 1936. Ele busca avaliar a importância da democratização do ensino secundário no nível das “*classes de sixième*”.

Os artigos de Girard, assim como o de Peyre, tiraram conclusões sobre a democratização do ensino secundário para o período antes da Segunda Guerra (entre 1936 e 1946), em particular, a respeito das séries de *sixième*. Para o período seguinte, o pós-guerra, os artigos de Girard que apresentam a parte das crianças oriundas das diversas categorias socioprofissionais para esse mesmo nível de ensino, mostravam claramente uma estabilidade do recrutamento social (GIRARD, 1962). Como sublinhou Poignant no seu depoimento (DROUARD, 1983, p. 49-57), esses artigos convenceram os altos funcionários da Educação nacional a estabelecer o projeto Billères<sup>35</sup> referente ao núcleo comum. Um ponto essencial me-

33. Ver por exemplo, para a sociologia da educação, os trabalhos de Reisman (1954). Era de conhecimento que na atitude a relação com o tempo em matéria de escolarização, era diferente, segundo as classes sociais (L. A. COSER et R. L. COSER, 1963).

34. Girard (1953, 1954, 1954 e 1955). A enquete publicada em 1953 é dedicada à aprendizagem dos alunos das séries de final dos estudos das escolas primárias no departamento da Seine. A segunda enquete examina, a partir de uma amostra nacional, a aprendizagem dos alunos egressos da escola primária antes do final e no final do nível de escolaridade obrigatório, em torno dos 11-12 anos de uma parte, e de 14 anos de outra parte. A terceira se refere a crianças que, apesar de seu sucesso escolar no final das séries da escola primária, não prosseguem os estudos e entram na vida profissional.

35. René Billères, político francês, discípulo de Georges Pompidou na *École Normale Supérieure*. Deputado radical-socialista da região Hautes-Pyrénées. Preside a Comissão da Educação Nacional de 1948-1954, em seguida Ministro da Educação, que suprime as atividades domiciliares, prolonga a escolaridade obrigatória e a reforma do ensino público que revaloriza o ensino técnico (N. T.).

rece aqui ser observado. Somente o nível de “*sixième*” chamava a atenção dos debates políticos sobre o desenvolvimento da escolarização, e, por conseguinte, dos altos funcionários e dos estatísticos do Ministério da Educação Nacional. As únicas estatísticas das quais os pesquisadores poderiam dispor para o período antes de 1958 diziam respeito unicamente às séries de “*sixième*”, em particular às séries dos liceus. O período do pós-guerra (1945-1958) era caracterizado por uma ausência de democratização do ensino secundário. O mesmo se diz para o período das reformas (1959-1963) para as quais os artigos do INED publicados em 1963 analisam as causas dessa ausência de democratização (INED, 1970). Os artigos do INED, bem como *Os Herdeiros* – cujos dados dizem respeito ao início dos anos 1960 – serão utilizados nos debates públicos sobre a escola para mostrar a persistência das desigualdades sociais, sendo que a reforma Fouchet tinha por objetivo, em parte, reduzi-las. No início dos anos 1960, para a maioria dos sociólogos, sem dúvida o sistema de ensino francês não havia favorecido a democratização desejada, mas, ao contrário, as desigualdades sociais se mantiveram depois da guerra, em todos os níveis de ensino secundário (entendido no sentido estrito das séries dos liceus clássicos e modernos). Essa perspectiva foi retomada nos debates sobre a escola como mostram claramente as obras da época (GOGNIOT, 1963; LOI, 1962; NATANSON; PROST, 1964)<sup>36</sup>. Os debates no âmbito dos sindicatos em torno do “núcleo comum” e da reforma Fouchet,

e o crescimento da escolarização tanto no ensino secundário como no ensino superior acentuavam a questão da democratização. Os estudos do INED e os trabalhos de Bourdieu e Passeron contribuíram, juntamente com o grupo de Vivianne Isambert-Jamati, para essa acentuação. O estudo das desigualdades sociais de escolarização tornou-se, então, objeto central das pesquisas em sociologia da educação.

No entanto, trinta anos mais tarde, diversos estudos mostraram que a democratização do ensino – no sentido de uma redução das diferenças de representação das classes sociais no nível de escolarização dada – para além das séries primárias foi uma realidade entre os anos 1945 e o início dos anos 1960, e isso em todos os níveis de ensino do segundo grau (PROST, 1986; BRIAND; CHAPOULIE, 1997). Essa democratização se realizou principalmente graças aos cursos complementares, cujos efetivos estavam em forte crescimento, mas não eram contabilizados nas estatísticas. A focalização sobre as séries “*sixième*” dos liceus e a utilização nas enquetes de categorias administrativas não permitiam percebê-la. No caso do ensino superior, as desigualdades sociais permaneciam particularmente grandes. Elas eram alhures bem conhecidas desde o final dos anos 1950. Parte dos estudantes de origem operária no conjunto dos estudantes era, em 1961-1962, de 6,4%, ou seja, aproximadamente 4,5 vezes menos que a dos estudantes cujo pai era profissional liberal ou quadro superior. No entanto, os dados do *Bureau Universitaire de la Statistique*<sup>37</sup> mostravam

36. As duas primeiras obras são redigidas pelos membros do Partido Comunista Francês, a segunda pelos membros do SGEN (*Syndicat Général de l'Éducation nationale*). Gogniot e Loi denunciavam as reformas escolares da Vª República como sendo o efeito do malthusianismo da burguesia, permitindo ao sistema escolar francês de conservar seu caráter de classe. As três obras se coincidem para denunciar a fraca democratização do ensino e propõe diferentes soluções para remediar o problema.

37. Secretaria Universitária de Estatística (N.T.).

que a parte dos estudantes de origem operária havia sido multiplicada por quatro em proporção entre 1939 e 1962. Os dados revelavam, também, um forte crescimento dos filhos de empregados e a diminuição da parte dos filhos de profissões liberais, de chefes de empresas e dos rentistas. Mesmo se as desigualdades sociais continuavam muito fortes, uma análise diacrônica das partes das diferentes categorias socioprofissionais no ensino superior poderia mostrar uma lenta, mas certa, evolução. Jean-René Tréanton (1965) lamentava, na sua resenha de *Os Herdeiros*, na revista *Sociologie du Travail*, a ausência de perspectiva histórica dos autores e, por conseguinte, o fato de não levarem em consideração essas evoluções<sup>38</sup>. A partir desses diferentes elementos, constatamos, retrospectivamente, uma defasagem entre a percepção que os sociólogos e as elites cultivadas interessadas no funcionamento da instituição escolar tinham da democratização do

ensino (para o período de 1945-1963) e de sua realidade. Isso se explica provavelmente para uns – como no caso dos pesquisadores do INED – pelos limites do modo de coleta de dados estatísticos do serviço ministerial concernente e limitado só às classes *sixième* dos liceus; para outros, pela ausência da perspectiva histórica.

### Algumas perspectivas diferentes sobre a escolarização e instituição escolar

Mesmo se eles entendem mostrar a pertinência das desigualdades sociais, os autores de *Os Herdeiros* se diferenciam nas suas análises daquelas feitas por Alain Girard sobre três aspectos essenciais: a relação de causalidade utilizada para explicar as desigualdades observadas, a perspectiva adotada para analisar a instituição escolar, e a interpretação dos dados coletados e pela semelhança dos métodos<sup>39</sup>.

38. Treanton observava, também, outros problemas. Ele considerava que os contingentes dos estudantes de origem burguesa eram superestimados por várias distorções, em particular, pelo fato de que a categoria social de origem era dada na obra para o conjunto dos estudantes e não pelo fluxo de entrada, de modo que os que faziam estudos mais prolongados aparecem em proporção mais representados. Ele considerava, em efeito, que os autores utilizaram as estatísticas sempre no sentido de uma validação de suas hipóteses, sem jamais examinar as hipóteses concorrentes. Assim, segundo ele, os autores não levaram em conta o contexto do ensino de sociologia na França, no final dos anos 1950, para compreender a idade média mais elevada dos estudantes nessa disciplina. Do mesmo modo, eles se prendem sobre estagnação dos estudantes, os mais desfavorecidos no seu *cursus* universitário, mas deixaram de lado a explicação dessa estagnação dos estudantes favorecidos observável a partir do terceiro ano de estudo. É notável que no *apêndice nº 1* de *Os Herdeiros* as primeiras tabelas e gráficos apresentam uma evolução da escolarização no ensino superior desde o início do século (para cada universidade, depois, segundo o sexo e a disciplina), mas as tabelas que apresentam a repartição dos estudantes segundo suas origens sociais não adotam essa perspectiva diacrônica.

39. É preciso observar que as divergências de análises não correspondem às oposições de interesses de carreira profissional. Provavelmente, em efeito, Girard não podia aparecer a Bourdieu ou a Passeron como um rival potencial. Girard era nitidamente mais velho e ocupava desde o início dos anos 1960 uma posição profissional bem estabelecida, mas no seio de um organismo mal reputado por certos pesquisadores, em razão do seu passado institucional. Girard tinha uma fraca influência sobre as carreiras, contrariamente a Stoetzel, cujo poder nesse domínio era importante. Em contrapartida, essas divergências correspondem às divergências políticas. Girard era considerado antes como conservador, para retomar os termos de Paul Clerc numa entrevista que ele me concedeu.

Alain Girard havia regularmente insistido nas suas diferentes enquetes sobre a importância do sucesso escolar e da vontade das famílias para explicar a formação dos alunos no ensino secundário. A evocação do sucesso escolar era às vezes associada em certos textos à noção vaga de *handicap familiar*<sup>40</sup>. Alain Girard regularmente sublinhava, em vários dos seus artigos, que os alunos de meios sociais diferentes eram orientados a ter êxito escolar equivalente, segundo o desejo dos pais. A “vontade dos pais” é assim frequentemente evocada como um fator explicativo das diferenças de ensino observadas (GIRARD; BASTIDE, 1963). Os artigos de Girard (assinados por ele ou em colaboração) geralmente examinam o papel do sucesso escolar na formação dos alunos; em seguida, os fatores sociais que permitem dar conta das diferenças do sucesso escolar. Esses textos buscam, também, compreender as orientações diferentes dos alunos tendo um sucesso escolar comparável, mas de origens sociais diferentes. Segundo Bourdieu e Passeron, a “vontade dos pais” não devia ser considera-

da como fator explicativo. Do ponto de vista desses autores, é ao mesmo tempo a origem social dos alunos e a instituição escolar pelo seu funcionamento próprio que determinam as desigualdades escolares e sociais. Eles observam que o principal fator a ser levado em conta é o da origem social, e eles se dedicam a demonstrar os mecanismos pelos quais a instituição escolar participa da produção e reprodução dessas desigualdades; não examinam o caso dos alunos de origens sociais diferentes que teriam um sucesso escolar idêntico. Para os autores, o sucesso escolar, bem como o comportamento das famílias, não podem ser considerados como “fatores” explicativos<sup>41</sup>. De uma maneira geral, os pesquisadores do INED têm a preocupação de examinar a parte que poderia ocupar uma pluralidade de fatores nas desigualdades sociais de escolarização, enquanto os autores de *Os Herdeiros* fazem da origem social o princípio determinante de sua análise em detrimento de outras variáveis que não têm senão um papel secundário. Em geral, esses autores não se apoiam nos trabalhos do INED<sup>42</sup>.

40. Deficiência familiar (N.T).

41. *Os Herdeiros* não contém senão duas tabelas sobre o sucesso escolar que mostram a influência nesta última da categoria socioprofissional do pai de uma parte, e de um nível de escolaridade dos pais de outra. Essa oposição referente ao lugar a conceder a tal fator se encontra a respeito da influência que a dimensão da família poderia exercer sobre as escolaridades. Assim, Girard e Bastide consideram que um outro componente importante do meio intervém, ainda, na orientação escolar: a dimensão da família mesmo que muito variável nos diferentes meios (INED, 1970, p. 111). Ao contrário, Bourdieu (1966) inverte o laço de causalidade indicando “que em vez de ver no número de crianças explicação causal da queda brutal da taxa de escolarização, é preciso talvez supor que a vontade de limitar o número de nascimentos e a vontade de dar uma educação secundária aos filhos expressam para os sujeitos que associam esses fatores uma mesma disposição ascética” (p. 332).

42. Quando eles o fazem posteriormente (no âmbito, por exemplo, de um artigo de Bourdieu publicado em 1966 sobre a “escola conservadora”), é principalmente o artigo de Paul Clerc (1964), pesquisador no INED, que é citado. Este mostrava, entre outras coisas, que a renda não exerce nenhuma influência sobre o sucesso escolar e, sobretudo, que a ação do meio familiar sobre esse sucesso era exclusivamente cultural. E, mais ainda, não é tanto a posse do diploma que era aqui determinante, mas as disposições adquiridas pela escolarização prologada que definiria “certo volume cultural” (CLERC, 1964, p. 159). Independentemente de outros resultados de Paul Clerc, este permitiria simplesmente trazer uma confirmação empírica das análises de Bourdieu e Passeron.

As análises contidas em *Os Herdeiros* se opõem à perspectiva implícita dos artigos de Alain Girard num outro aspecto. Uma das preocupações explicitamente evocada por esse autor nos seus três primeiros artigos de meados dos anos 1950, como em outros de seus estudos ulteriores, é chegar a um conhecimento preciso de fatores que determinam as desigualdades sociais de escolarização com o objetivo de participar da resolução de um problema social. Este é definido como a necessidade, em razão das demandas de mão de obra qualificada para a economia nacional, de permitir aos alunos “mais dotados” de todas as origens sociais, o acesso aos níveis de ensino mais elevados. Esta perspectiva é próxima de um “funcionalismo tecnológico” desenvolvido no âmbito dos debates sobre a democratização do ensino no início dos anos 1960 e da planificação. Ademais, ela não rejeita totalmente, como farão Bourdieu e Passeron, a ideia de que os alunos possam ser diferenciados em função de suas “aptidões” ou de seus “dons”. Bourdieu e Passeron adotam outra perspectiva. Os autores não se limitam às funções oficialmente proclamadas pela instituição ou os políticos eleitos, como por exemplo, a função de instrumento de democratização, ou as do instrumento de formação de mão de obra para as necessidades econômicas da nação. Eles lhe atribuem uma função oculta. Propõem analisar a instituição escolar a partir de suas funções não se limitando àquelas que são

geralmente antecipadas pela própria instituição. Esse objetivo esteve presente também em Durkheim, mas Bourdieu e Passeron não se limitam à função de socialização e ampliam, portanto, esse modo de análise, abrindo assim novas pistas. A análise da instituição escolar referente a essas funções implícitas torna-se um aspecto essencial da sociologia da educação a partir de meados dos anos 1960, inclusive para os autores que não se situam na perspectiva da teoria de Bourdieu e Passeron. Nesse sentido, eles conotam a instituição escolar de uma autonomia específica que não se encontra nas análises anteriores<sup>43</sup>.

Enfim, uma terceira diferença aparece entre as pesquisas de sociologia da educação realizadas na França a partir do final da Segunda Guerra mundial e *Os Herdeiros*. Ela diz respeito ao modo de tratamento dos dados. Nos seus primeiros artigos, Girard se dedica unicamente a revelar os fatores que estão na origem do processo de formação dos alunos das séries do final dos estudos primários: a profissão do pai, o tamanho da família, a idade, o sexo, o valor escolar do aluno, e, a partir da enquete publicada em 1954, o aspecto rural ou urbano do habitat. Os outros artigos de Alain Girard publicados no início dos anos 1960 não diferem fundamentalmente no modo de construção dos dados, assim como no modo de análise e de redação de seus três primeiros artigos sobre a aprendizagem dos alunos (INED, 1970 ). O conjunto dos artigos

43. Decorre deste aspecto uma visão muito diferente da democratização do ensino e da expansão da escolarização. Esta é encarada com otimismo pelos pesquisadores do INED que sublinham o progresso conquistado nesse domínio em nível da série “*sixième*”. Em oposição, Bourdieu e Passeron têm sobretudo uma visão pessimista da democratização e dos efeitos do crescimento da escolarização sobre esta. Assim, o primeiro dentre eles sublinha em artigo de 1966 que “as estatísticas globais que indicam um crescimento da taxa de escolarização secundária dissimulam que os filhos das classes populares devem pagar sua ascensão a essa ordem de ensino por um encolhimento considerável do campo de suas possibilidades de futuro” (p. 335).

conserva um caráter empírico e descritivo afirmado sem referência a uma análise das relações de classes na sociedade ou na instituição escolar. Do mesmo modo, o estudo de Christiane Peyre, que é o primeiro na “sociologia da educação” a utilizar a nova nomenclatura das categorias socioprofissionais estabelecidas pelo *Institut National de la Statistique et des Études Économiques* (INSEE)<sup>44</sup>, em 1954, não visa caracterizar globalmente as relações de classes concernentes à escolarização. O código das categorias socioprofissionais é utilizado para fins práticos e empíricos de classificação de população, para examinar o que começou a ser considerado como um problema social: a democratização do ensino secundário. Sem dúvida, o trabalho de Peyre se apresenta como uma pesquisa que pretende simplesmente oferecer dados empíricos, a partir da classificação da população em termos de categorias socioprofissionais, ao problema da democratização.

A constituição de uma nomenclatura que tentaria, contrariamente às precedentes, definir os meios sociais homogêneos, foi evidentemente uma etapa decisiva no desenvolvimento das pesquisas empíricas do tipo das empregadas em *Os Herdeiros*. As enquetes dos estatísticos ou dos sociólogos dos anos 1950 são estudos que buscam apreender as diferenças internas de uma dada população e as características dos gru-

pos assim definidos e seus comportamentos específicos. Desse ponto de vista, elas diferem fundamentalmente de alguns trabalhos do período antes da guerra, como o estudo de Goblot ou de Halbwachs, centrados globalmente sobre a análise das relações de classe, ou das diferenças no interior da população, e para as quais as estatísticas não aparecem no modo de redação<sup>45</sup>. A partir dos anos 1960, se desenvolvem os estudos que pretendem analisar de maneira empírica, a partir dos dados estatísticos, as relações de classes. As pesquisas de Bourdieu são as primeiras na França, nessa época, a buscarem conciliar essas duas perspectivas diferentes<sup>46</sup>. Certamente, buscam dar conta das relações de classes na análise de relações econômicas (o assalariado na Argélia) ou culturais (os estudantes, a relação com a arte) utilizando a terminologia das classes sociais herdadas da tradição marxista. Contrariamente aos estudos anteriores de sociologia da educação, Bourdieu e Passeron se situam de imediato numa análise das relações de classes na instituição escolar. Mas esta análise é fundada sobre a utilização de uma taxonomia de origem administrativa, as da nomenclatura das categorias socioprofissionais do INSEE. A combinação dessas duas perspectivas é evidentemente problemática (BRIAND; CHAPOULIE, 1985; CHAPOULIE, 1985). A maneira pela qual é resolvido esse problema depende do con-

44. Instituto Nacional de Estatísticas e de Estudos Econômicos (N.T.).

45. Cf. GOBLOT (1967[1925]); Halbwachs (1938). Evidentemente outros trabalhos de Halbwachs utilizaram de maneira importante as estatísticas como modo de coleta de dados, mas eles não se situam tão claramente como o estudo de 1938 na perspectiva de uma análise das relações de classes.

46. Ver, por exemplo, Bourdieu et al. (1963); Bourdieu; Darbel (1966). Podemos nos remeter ao apêndice III de *Travail et travailleurs en Algérie* (BOURDIEU et al., 1963, p. 438-450) que propõe para cada um dos temas da enquete quadros estatísticos, tomando por variáveis as principais classes sociais, que estão na origem da análise em termos de estratificação social. Um texto curto em conclusão apresenta um esboço das classes sociais na Argélia a partir da terminologia herdada da tradição marxista.

texto sociopolítico da época considerada e, ao mesmo tempo, do contexto intelectual. Podemos observar, nas primeiras pesquisas de Bourdieu, uma tendência a substantificar as classes sociais a partir de algumas posições típicas nas relações sociais, e a considerar que as categorias socioprofissionais permitem apreender as características daqueles que ocupam essas posições<sup>47</sup>.

### **A análise dos dados e a contribuição de Os Herdeiros para a Sociologia Francesa**

A originalidade do livro *Os Herdeiros* não aparece apenas por sua reação às teses da sua época. Os autores propõem uma análise inovadora da instituição escolar. Ademais, eles colocam em prática uma definição da sociologia que, implicitamente, diferencia seus trabalhos das pesquisas características do período anterior. No entanto, antes de analisar esses aspectos, convém examinar o modo de coleta de dados adotado pelos autores. Desse exame sobressai um ponto essencial. O livro se fundamenta apenas numa parte das pesquisas realizadas pelo *Centre de Sociologie Européenne* (CSE) referente aos estudantes.

### **A coleta de dados de um conjunto de enquetes variadas**

O ponto essencial aqui é o aspecto heterogêneo do conjunto da documentação. As razões dessa particularidade se devem provavelmente a dois fatores. Em primeiro lugar, o projeto inicial dos autores era diferente do projeto de uma análise global

das funções da instituição escolar, das desigualdades sociais de escolarização ou das relações das diferentes classes sociais à cultura. Essas últimas orientações, que às vezes são apresentadas como características do trabalho de Bourdieu e Passeron, foram, sem dúvida, progressivamente se desenhando no conjunto das pesquisas empíricas sob a égide da equipe de sociologia da educação do CSE. Trata-se aqui de uma característica frequente das pesquisas empíricas em ciências sociais: o resultado final não é conhecido por antecipação e as orientações iniciais são progressivamente reformuladas ou abandonadas na medida em que as pesquisas avançam. Pouco a pouco, surgem novas orientações. Isto aparece de modo mais claro na medida em que dispomos aqui de um produto acabado (o livro publicado) e dos relatórios que o precedem ou o acompanham, e que nem sempre coincidem no seu conjunto. Em segundo lugar, a comparação das diversas enquetes conduzidas por esta equipe do CSE, ou por Bourdieu na Argélia, com aquelas sobre os estudantes permite constatar claramente que as práticas efetivas de coleta de dados foram diferentes. As primeiras pesquisas sobre os estudantes foram produzidas no âmbito das atividades pedagógicas (atividades de estudantes) ou pelos próprios professores no âmbito de suas profissões. Em oposição, as outras pesquisas desse grupo colocam em prática uma divisão do trabalho na coleta de dados e de sua análise com a utilização de técnicos colaboradores e estatísticos. A chegada ao *Centre de Sociologie Européenne* de coordenadores de pesquisa ou de jo-

47. Ver Bourdieu e Darbel (1966); Bourdieu (1978, 1979) que são exemplos característicos dessa perspectiva. Nem sempre foi assim. Encontramos num outro texto do mesmo autor (uma conferência pronunciada em 1989, cf. BOURDIEU, 1994), uma posição muito diferente sobre a análise das classes sociais, que se opõe ao modo de pensar substancialista.

vens pesquisadores favoreceu a prática das técnicas de coleta de dados comparadas aos *survey researchs* – técnicas introduzidas na França na segunda metade dos anos 1950 com a viagem de sociólogos aos Estados Unidos e os *séjours* de Lazarsfeld em Paris.

*Os Herdeiros* é a publicação mais visível de um conjunto mais amplo de enquetes sobre os estudantes, realizadas a partir de 1961, pela equipe de Bourdieu e Passeron, no seio do *Centre de Sociologie Européenne*. Seis enquetes principais foram realizadas entre 1961 e 1964. *Os Herdeiros* apresenta os resultados de duas dentre elas. Uma primeira pesquisa foi realizada no primeiro trimestre do ano escolar de 1961-1962 sobre os estudantes de filosofia e de sociologia das *Facultés de Paris* – onde Passeron era assistente; Lille – onde Bourdieu tinha sido nomeado para a o início do ano letivo de 1961; e Dijon – onde Marcel Maget ensinava. Tratava-se aqui de analisar a relação pedagógica centrando a análise sobre a compreensão dos estudantes do discurso do professor, suas técnicas de trabalho e a situação pedagógica. De fato, Bourdieu, Passeron e Maget haviam aplicado aos seus estudantes um teste de vocabulário, um questionário sobre suas práticas de leitura e um exercício nos quais o objetivo era descrever uma “classe ideal”. Os resultados foram apresentados num relatório mimeografado (não publicado). Uma análise da relação pedagógica, que se fundava parcialmente, foi publicada no *Cahier n° 2 du Centre de Sociologie Européenne*, em 1965.

Nesse relatório, duas ideias principais aparecem claramente. Primeiro, a partir do teste de vocabulário, os autores constataam uma defasagem entre a língua falada e compreendida pelos estudantes e a dos professores. Eles concluem que “o ensino superior tem forte tendência a supor um certo tipo de sujeitos receptores que, na realidade, não constituem senão uma pequena minoria do verdadeiro público” (p. 18). Em segundo lugar, eles constataam que as práticas dos estudantes em termos de leitura ou, mais amplamente, no que concerne à vida artística, são condicionadas pelo ensino. Decorre disso que “o ensino permanece incontestavelmente o mais eficaz veículo de cultura sem que, contrariamente ao que poderíamos crer, e como comumente se costuma dizer, os *mass média* o tenham substituído” (p. 32). Nota-se que se trata aqui de duas ideias importantes que encontramos sob uma forma um pouco comparável em *Os Herdeiros*, mas que inicialmente são oriundas de uma enquete que tinha um objetivo mais restrito: a análise de uma relação pedagógica considerada como “caduca” em razão do crescimento da escolarização. Os autores, dessa forma, justificam suas pesquisas através de suas preocupações pedagógicas como professores. Desse modo, eles evocam “o funcionamento *anormal* do ensino superior” tanto a partir da constatação da “fraca proporção de estudantes que chegam a terminar sua graduação [como] na impressão de incômodo ou de inquietude que as conversas livres deixam transparecer entre os estudantes” (p. 4)<sup>48</sup>.

48. É o autor que sublinha. Mais adiante os autores indicam que “qualquer que seja a desordem desses fatores que a condicionam, a *deterioração da relação pedagógica* no ensino superior francês suscitou costumes, resignações (tanto do lado do estudante como do professor) tal que é importante colocar em perspectiva, pois toda a reforma deveria manifestar sua ação sobre vários aspectos simultâneos” (grifo dos autores, p. 4). Cf. também, para um ponto de vista idêntico: Émile Boupareyre (1964, p. 836), pseudônimo que reúne Bourdieu, Passeron, Reynaud e Tréanton.

Duas outras enquetes parecem ter sido realizadas mais tarde. Uma sobre *Les étudiants et leurs études*<sup>49</sup>. Tratava-se de uma enquete por questionários junto aos estudantes de filosofia e de sociologia aplicados em 479 pessoas distribuídas entre seis universidades diferentes. Essa enquete, que enfoca principalmente os comportamentos escolares dos estudantes, sua trajetória escolar anterior e seus engajamentos políticos ou sindicais, estava centrada em quatro variáveis: a idade, o sexo, a origem social, o habitat (Paris ou a província, sem outra diferenciação mais precisa). Os questionários foram principalmente aplicados aos estudantes *lillois* (de Lille) e parisienses, nas duas faculdades onde trabalhavam Bourdieu e Passeron (a amostra representa 57%). Os próprios estudantes administravam os questionários junto aos seus colegas. A pesquisa era também um exercício pedagógico que permitia a esse conjunto de estudantes, principalmente de origem popular, como os de Lille, compreender o que era a sociologia. Vários desses estudantes *lillois* testemunham que a pedagogia de Pierre Bourdieu na época lhes parecia inovadora. Bourdieu parecia insistir sobre a necessidade de se aplicar atividades concretas com os estudantes (realização de seminários, pesquisa de campo, aplicação de questionários durante as aulas). Esse método lhe parecia muito diferente dos que prevaleciam em vários cursos da mesma faculdade, nos quais o professor estava preso ao estilo de curso magistral. Além de Lille e Paris (*La Sorbonne*), Bourdieu e Passeron contaram com a colaboração de outros professores para aplicar os questionários dessa

primeira enquete: François Bourricaud em Bordeaux, Paul Arbousse-Bastide em Rennes, Guy Vincent em Lyon, Paul de Gaudemar em Toulouse. Os questionários não eram administrados a partir de uma amostra pré-estabelecida; os professores que colaboravam aplicaram seus questionários aos seus próprios estudantes. Os resultados dessa enquete são apresentados na primeira parte (*“Les étudiants, l’École et les valeurs scolaires”*) *du Cahier n° 1 du Centre de Sociologie Européenne*, publicado em 1964.

A outra enquete tem por objeto os estudantes e a cultura. Ela tinha por objetivo “tentar apreender a defasagem que pode existir entre a atmosfera cultural na qual vive o estudante e a vida cultural que lhe propõe o ensino” (p. 44 do primeiro relatório no qual essa enquete, ainda em andamento, é brevemente apresentada). Ela se fundamenta numa amostra mais importante que a precedente. Para atingir estudantes de diferentes cursos, Bourdieu e Passeron solicitaram a outros professores universitários que ensinavam nos cursos de Letras, em outras ciências sociais, mas também em ciências exatas e nos anos propedêuticos, se apoiando em suas redes de relações sociais entre antigos *normaliens de la rue d’Ulm*<sup>50</sup> (como por exemplo Paul Veyne, conhecido de Passeron em Aix-en-Provence, Pierre Vidal-Naquet em Lille, Michel Serres, em Clermont-Ferrand): 637 estudantes foram, assim, objetos da segunda enquete. Alguns questionários foram também aplicados a “grupos de depoimentos” bastante diversificados como 209 alunos de liceu (sem precisar a idade ou o nível de ensino), 239 alunos em escola de secreta-

49. Os estudantes e seus estudos (N.T.).

50. *La rue d’Ulm* é o mesmo que *École normale supérieure* (N.T.)

riado, 70 educadores em estágio, 48 alunos da *École Polytechnique*<sup>51</sup> aos quais é preciso adicionar 39 estudantes de uma faculdade de Direito de província e 63 estudantes de uma faculdade de ciências de Paris. Para a exploração dos questionários, esses últimos dois grupos foram somados aos 637 estudantes precedentes. Os resultados dessa terceira enquete são apresentados na segunda parte do *Cahier n° 1 du Centre de Sociologie Européenne*. Os *Herdeiros* se fundamentam principalmente sobre essas duas últimas.

Além desses dados coligidos por questionários, os autores indicam no livro de 1964 que eles se apoiam sobre dados de outras fontes. Eles utilizam as estatísticas administrativas produzidas pelo INSEE e pelo *Bureau Universitaire de Statistique* para o período de 1900-1963. Estes dados apresentam a evolução do número de estudantes por universidade, por curso, a evolução do número de estudantes em Paris e na província, a evolução da taxa de escolarização no ensino superior, a origem social dos estudantes por curso, assim como a origem social dos estudantes das “Grandes Escolas”. Além disso, os autores indicam que se baseiam em monografias realizadas por eles mesmos ou por grupos de estudantes constituídos em *Groupes de Travail Universitaire* (GTU)<sup>52</sup>. Os objetos dessas monografias são claramente apresentados na *Advertência* do livro (interconhecimento entre os estudantes, a ansiedade diante dos exames, o lazer dos estudantes, o estudante visto pelos estudantes, o antigo grupo de teatro da *Sorbonne* e seu público).

Outras três enquetes foram realizadas em 1963-1964: a primeira, coordenada por Marcel Maget, tinha por objeto o emprego

do tempo dos estudantes; a segunda, coordenada por Guy Vincent, se interessou pelas relações pedagógicas entre os estudantes e professores. Paralelamente, Jean-Claude Passeron, com a ajuda de Monique de Saint-Martin, então colaboradora técnica no *Centre de Sociologie Européenne*, realizou uma pesquisa sobre os estudantes de medicina sob a encomenda da *Association d'Étude pour l'Expansion de la Recherche Scientifique* (AEERS)<sup>53</sup>. Somente a pesquisa de Guy Vincent resulta em um relatório, publicado no *n° 2 des Cahiers du Centre de Sociologie Européenne*. A enquete de Marcel Maget não foi explorada: vários interlocutores que aplicaram os questionários dessa enquete reportam que era difícil, visto as condições materiais da época, tratar de forma detalhada dos dados sobre o emprego do tempo dos estudantes para cada hora da jornada a cada dia da semana. Os resultados da enquete sobre os estudantes de medicina foram apresentados num relatório mimeografado, mas não publicado.

Vários ex-membros do CSE que colaboraram com essas enquetes declaram que elas tinham um “caráter artesanal”. Os estudantes de sociologia eram ao mesmo tempo atores e sujeitos das pesquisas por questionários, como foi o caso em Lille. A ausência do gravador não facilitava a realização da entrevista. Por outro lado, a aplicação dos questionários tornava-se às vezes difícil, em virtude da atitude dos estudantes das faculdades de Letras (bem como de Filosofia) porque esse tipo de interrogação sobre as práticas não correspondia à ideia que eles poderiam fazer sobre sua condição. A comparação entre *Os*

51. Escola Politécnica. Uma das mais prestigiosas “Grandes Escolas” universitárias francesas em que a alta qualificação técnico-científica não dispensa a formação nas humanidades (N. T.).

52. Grupos de Estudos Universitários (N. T.).

53. Associação de Estudo para a Expansão da Pesquisa Científica (N. T.).

*Herdeiros e O amor pela arte* – para a qual a coleta de dados foi realizada principalmente em 1964 –, é interessante. Ainda que o modo de exposição dos dados seja parecido nos dois livros, fica claro na comparação que, no caso do segundo, a metodologia aplicada é diferente, mesmo que o modo de coleta de dados seja similar (trata-se, nos dois casos, de coleta de dados por questionários). A enquete principal sobre a frequência aos museus foi realizada a partir de um “plano de sondagem” elaborado por Alain Darbel (estatístico do INSEE) sobre uma amostra de 21 museus franceses. O questionário dessa pesquisa foi aplicado a 9.226 pessoas. Outras enquetes (14 no total), realizadas por questionários, foram exploradas – com efetivos bastante representativos – e às vezes a partir de entrevistas aprofundadas. Por outro lado, esse trabalho tinha sido objeto de uma “enquete prévia no museu de Lille junto a 250 pessoas”. A enquete que resultou no *Amor pela arte* foi beneficiada pelo apoio do Ministério da Cultura, que financiou várias pesquisas na época sobre esse assunto. Essas subvenções permitiam realizar uma enquete em grande escala. Em oposição, as enquetes do CSE sobre os estudantes não haviam sido beneficiadas de qualquer suporte financeiro. Os questionários não foram aplicados com amostra representativa da população de estudantes, mas numa

“amostra aleatória ou razoável” (para usar a expressão dos autores) constituída, de fato, a partir das suas redes de relações. A particularidade de *Os Herdeiros* em relação às outras obras de Bourdieu (sobretudo BOURDIEU et al., 1963; BOURDIEU; DARBEL, 1966) é bastante clara quanto ao exame da coleta de dados<sup>54</sup>. Esse livro se baseia principalmente sobre uma documentação estatística que foi o tipo de dados mais frequentemente utilizados nas pesquisas de sociologia, a partir do final dos anos 1950. No entanto, ele difere, nesse ponto, das outras obras do autor pelo caráter menos sistemático e muito “artesanal” da coleta de dados da documentação. As *démarches* sobre as quais são fundadas as enquetes sobre os estudantes são mais empíricas, mais disparates<sup>55</sup>.

### O modo da análise de dados

As pesquisas realizadas pelos sociólogos a partir de meados dos anos 1950, principalmente no âmbito do *Centre d'Études Sociologiques*, adotavam um modo de coleta de dados bastante uniforme. A documentação era coligida, sobretudo, a partir de entrevistas e de questionários. Em relação às monografias produzidas no início dos anos 1950, essas negligenciam a dimensão histórica dos fatos sociais estudados (CHA-

54. Em efeito, a enquete sobre os trabalhadores argelinos e a sobre a arte repousam sobre questionários aplicados a uma grande escala com uma amostra razoável de uma população. Anexos em cada uma dessas obras examinam a representatividade da amostra presente no “plano da sondagem” e, de maneira detalhada, a metodologia adotada.

55. A impressão do caráter artesanal do livro é reforçada quando comparamos as tabelas apresentadas como anexo com aquelas apresentadas no *Cahier n° 1 du Centre de Sociologie Européenne*, do qual elas se originam. Observamos que modificações menores em certos *tableaux* (modificações arredondadas das porcentagens apresentadas) ou modificações mais surpreendentes entre as tabelas sobre a origem dos recursos dos estudantes de Filosofia que aparecem no livro (tabela 2.1, p. 144, edição de 1979) e tabela sobre o mesmo tema no *Cahier n° 1* (tabela 4.8, p. 54). A parte dos estudantes de Filosofia, filhos de artesãos e comerciantes, que recebem um auxílio de sua família (sobre o conjunto dos estudantes originários do CSP) passou assim de 27% no *Cahier* a 22% no livro.

POULIE, 1991). A ideia de variável aparece em todas essas monografias e Chapoulie observa que, para algumas dentre elas, os autores insistem sobre a verificação sistemática de hipóteses. A *démarche* estatística aparece como o principal instrumento de prova. O modo de redação dessas monografias reserva um lugar importante para a apresentação de tabelas estatísticas e de gráficos acompanhados de comentários. Dessa forma, *Os Herdeiros* não diferem no que concerne ao modo de redação desse grupo de monografias elaboradas a partir de meados dos anos 1950. Como para obras anteriores de Bourdieu (BOURDIEU et al., 1963; BOURDIEU; SAYAD, 1964), uma parte consequente deste livro é consagrada à apresentação, em anexo, de dados estatísticos administrativos, bem como de algumas tabelas e gráficos estatísticos originários da exploração de uma enquete por questionários. Se levarmos em conta apenas o modo de coleta de dados e, em parte, o modo de redação dos relatórios, *Os Herdeiros* parece não introduzir nenhuma inovação particular em relação aos estudos anteriores. Isso pode elucidar que, para os autores, esse modo de coleta de dados era coisa obrigatória. A *démarche* quantitativa e análise estatística dos resultados tornaram-se normas que se impuseram aos pesquisadores como instrumento de prova e de cientificidade. Por outro lado, essa *démarche* era compatível com a “ruptura epistemológica” evocada acima, pretendendo construir um saber que não fosse fundado unicamente sobre as percepções e representações dos indivíduos objetos da enquete. Desse ponto de vista, *Amor pela arte*, que apresenta uma análise quantitativa da frequência aos museus e de conhecimentos artísticos

dos públicos, se opõe ao discurso sobre a experiência subjetiva da arte. Observa-se que, no entanto, para *Os Herdeiros*, a documentação se baseia, como vimos, sobre os dados coligidos pelos próprios professores e estudantes. Desse modo, não é tanto pelo modo de coleta de dados que a obra entende romper com as representações sobre as práticas dos estudantes, mas antes de tudo pela análise sociológica dessas práticas.

É no nível do modo de análise de dados que o livro de Bourdieu e Passeron introduz uma inovação em relação aos estudos anteriores. As monografias elaboradas pelos pesquisadores em sociologia no curso dos anos 1950, se diferem segundo o modo de coleta de dados, têm em comum o fato de conservarem um caráter bastante descritivo. Elas são relativamente pouco conceitualizadas. Elas seguem um modelo de pesquisa empírica definida por Lazarsfeld. Esse modelo é desenvolvido na França por Stoetzel que privilegia um modelo de pesquisa empírica muito positivista e hostil à tradição durkheimiana, considerada por ele distante do campo empírico (BLONDIAUX, 1991). Os *séjours* frequentes de Stoetzel nos Estados Unidos (nove, entre 1937 e 1958) e seus contatos regulares com Lazarsfeld, o levaram a privilegiar as *démarches* quantitativas e a desenvolver, na França, em particular no seio do *Institut Français d’Opinion Publique* (IFOP)<sup>56</sup>, as técnicas de sondagens. A principal característica da maior parte desses estudos fundados na enquete por questionários era considerar os dados em seu valor facial. As respostas das pessoas interrogadas eram tidas como uma expressão fiel de seus julgamentos, ou um relatório exato de suas atividades e seus comportamentos. Bourdieu mani-

56. Instituto Francês de Opinião Pública (N.T.)

festa uma clara hostilidade pelas pesquisas empíricas e “positivistas” desprovidas, para ele, de ambição teórica<sup>57</sup>. Em *Os Herdeiros*, alguns trechos de entrevistas ou respostas aos questionários são às vezes apresentados em virtude de seu conteúdo informativo imediato. Eles têm, então, caráter de ilustração do comportamento real dos estudantes. Mas, mais frequentemente, os fragmentos de entrevistas são apresentados como mascarando um comportamento efetivo contrário. Os autores não se limitam a uma simples apresentação do ponto de vista dos estudantes; eles acrescentam, em efeito, um sentido particular às respostas obtidas pelas entrevistas ou os questionários. Para Bourdieu e Passeron, não existem questões e respostas neutras e não se deve crer que um questionário, mesmo composto unicamente de questões fechadas, garanta a univocidade das respostas<sup>58</sup>. A relação da enquete é sempre uma relação social. Desde então, os autores de *Os Herdeiros* enfatizam que não existem dados imediatos; eles são construídos pelo pesquisador.

### Considerações finais

A análise do contexto social, político e intelectual do início dos anos 1960 sugere que a elaboração de um livro de ciências sociais remete, de fato, a uma pluralidade de elementos heterogêneos que podem se combinar de maneira variada. No caso estudado, eu evoquei, entre outros, os seguintes elementos: o contexto social e intelectual da época; a oposição de pesquisa-

dores de gerações diferentes que, por razões biográficas, não têm as mesmas percepções da sociedade; a situação da disciplina, em pleno crescimento no início dos anos 1960 (aumento do número de estudantes, contrato de vários pesquisadores temporários); as convenções em matéria de modo de coleta e de tratamento de dados; as inovações introduzidas por certas instituições nas análises dos dados; os “modelos” ou os “referenciais” dos autores.

Indiquei que a obra propõe um modo de análise dos dados diferente daquele em voga no período anterior, a partir, contudo, de um modo de coleta da documentação muito convencional nos anos 1960. Buscando não tomar geralmente as respostas por questionários ou as entrevistas pelos seus “valores faciais”, os autores se opõem àquilo que pensam ser uma das características principais do positivismo. Eles adotam uma relação aos dados diferente daquela que prevaleceu no período anterior. E mais, eles atribuem, como principal objetivo da sociologia, o estabelecimento de relações estáveis para uma ordem de fenômenos determinados, associado à intenção de desprender uma ou certas características essenciais dessa ordem.

O livro de Bourdieu e Passeron parece retrospectivamente ter tido um papel importante na evolução da definição da sociologia que se estabelece nos anos 1960, na medida em que conheceu um sucesso de público de longa duração. Assim, pelo objeto abordado, ele poderia ser percebido pelos professores como uma obra suscetível

57. Assim, Pierre Bourdieu indica: “eu não reagia menos contra o empirismo micro-fênico de Lazarsfeld e de seus epígonos europeus, cuja falsa impecabilidade tecnológica escondia uma ausência de uma real problemática teórica, geradora de erros empíricos, às vezes muito elementares” (BOURDIEU, 1987, p. 30).

58. Encontramos em *Métier de sociologue* uma crítica do positivismo constituído em torno desse problema. Cf. BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON (1983 [1968], em particular, p. 61-70).

de interessar diretamente aos estudantes. O contexto social e político no período da sua publicação era muito favorável à sua difusão: debates públicos sobre a Universidade, reivindicações estudantis e militância no seio dos GTU (*Groupe de Travail Ununiversitaire*), além da utilização da obra pelas organizações sindicais estudantis e partidos políticos de esquerda, a partir do final dos anos 1960, para fins de justificação de suas próprias análises da instituição escolar<sup>59</sup>. Esses elementos contribuirão para sua notoriedade, mas também para as interpretações ulteriores do livro.

## Referências

- ARON, R. Quelques problèmes des universités françaises. *Archives Européennes de Sociologie*, n. 3, 3, p. 102-122, 1962a.
- ARON, R. Dix-huit leçons sur la société industrielle. Paris: Gallimard, 1962b.
- ARON, R. Les étapes de la pensée sociologique. Paris: Gallimard, 1967.
- BERSTEIN, B. A public language: some sociological implications of a linguistic form, *British Journal of Sociology*, n. 10, p. 52-79. 1959.
- BERSTEIN, B. Language and social class. *British Journal of Sociology*, n. 11, p. 271-276, 1960.
- BERSTEIN, B. Social structure, language and learning. *Educational research*, n. 3, p. 163-176, 1961.
- BLAU, P. M.; DUNCAN, O. D. *The american occupational structure*. New York: Wiley and Sons, 1967.
- BLONDIAUX, L. Comment rompre avec Durkheim? Jean Stœtzel et la sociologie française de l'après-guerre (1945-1958), *Revue Française de Sociologie*, v. 32, n. 3, p. 411-441, 1991.
- BOUPAREYRE, É. [pseudo.]. L'universitaire et son Université. *Esprit*, n. 5-6, pp. 834-847, 1964.
- BOURDIEU, P. L'école conservatrice. Les inégalités devant l'école et devant la culture, *Revue Française de Sociologie*, 7, 3, pp. 325-347, 1966.
- \_\_\_\_\_. Classement, déclassement, reclassement. *Actes de la recherche en sciences sociales*, n. 24, p. 2-22, 1978.
- \_\_\_\_\_. *La distinction: critique sociale du jugement*. Paris: Éditions de Minuit, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Le sens pratique*. Paris: Editions de Minuit, 1980.
- \_\_\_\_\_. Fieldwork in philosophy In: BOURDIEU, P. *Choses dites*. Paris: Éditions de Minuit, p. 13-46, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Raisons pratiques. Sur la théorie de l'action*. Paris: Le Seuil, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Méditations pascaliennes*. Paris: Le Seuil, 1997.
- BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J.C, PASSERON, J.C. *Le métier de sociologue: préalables épistémologiques*. Paris: EHESS [1re éd. 1967]. 1983.
- BOURDIEU, P.; DARBEL, A. *L'amour de l'art : les musées d'art européens et leur public*. Paris: Éditions de Minuit, 1966.
- BOURDIEU, P.; DARBEL, A.; RIVET, J. P.; SEIBEL, C. *Travail et travailleurs en Algérie*. Paris-La Haye: Éditions Mouton, 1963.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J.-C. Sociologues des mythologies et mythologies de sociologues. *Les Temps Modernes*, n. 211, p. 998-1021, 1963.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. *Les héritiers: les étudiants et la culture*. Paris: Éditions de Minuit, 1964.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. Langage et rapport au langage dans la situation pédagogique.

59. A análise do sucesso de público de *Os herdeiros* e o lugar da obra numa nova definição da sociologia que se estabelece nos anos 1960 são dois aspectos deixados de lado no plano deste artigo. Eles fazem parte de outro dossiê de pesquisa.

- Les Temps Modernes, n. 292, p. 435-466, 1965a.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. Les valeurs du système universitaire français. Quelques réflexions de méthode. *Communication au colloque Les transformations sociales de la France contemporaine*. Paris: Société française de sociologie, 1965b.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. Sociology and philosophy in France since 1945: death and resurrection of a philosophy without subject. *Social research*, n. 34, 1, p. 162-212, 1967.
- BOURDIEU, P.; SAYAD, A. *Le déracinement : La crise de l'agriculture traditionnelle en Algérie*. Paris: Éditions de Minuit, 1964.
- BRIAND, J. P.; CHAPOULIE, J. M. *Les classes sociales: principes d'analyse et données empiriques*. Paris, Hatier, 1985.
- BRIAND, J. P., CHAPOULIE, J.M. *L'enseignement primaire supérieur de la IIIe République et la démocratisation de l'enseignement*. Communication à la table ronde sur la démocratisation de l'enseignement, L'école des Rendez-vous d'Archimède, Lille, Université des Sciences et Technologie de Lille, 1997.
- BULMER, M. *The Chicago school of sociology*. Chicago: The University of Chicago Press, 1984.
- CHAMBOREDON, J. C. La société française et sa jeunesse. In: DARRAS (Groupe d'Arras). *Le partage des bénéfiques, expansion et inégalités en France*. Paris: Éditions de Minuit, 1966.
- CHAPOULIE, J.M. Remarques sur les relations entre analyses en termes de rapports de classe et études empiriques de catégories sociales par enquêtes statistiques. In: *Classes et catégories sociales: aspects de la recherche*. Roubaix : Edires, p. 107-117, 1985.
- \_\_\_\_\_. La seconde fondation de la sociologie française, les États-Unis et la classe ouvrière. *Revue Française de Sociologie*, v. 32, n. 3, p. 321-364, 1991.
- \_\_\_\_\_. *La tradition sociologique de Chicago*. Paris: Le Seuil, 2001.
- CLERC, P. La famille et l'orientation scolaire au niveau de la sixième. *Population*, v. 19, n. 5. [Repris dans ined, 1970, p. 143-188], 1964.
- COHEN-SEAT, G.; FOUGEYROLLAS, P. *L'action sur l'homme: cinéma et télévision*. Paris: Denoël, 1961.
- COLEMAN, J. S. et al. *Equality of educational opportunity*. Washington (DC): US Printing Office, 1966.
- COSER, L. A.; COSER, R. L. Times perspective and social structure. In: W. GOULDNER A. W.; GOULDNER, P. (eds.). *Modern sociology*. New York: Brace World Inc., 1963.
- CROZIER, M. *Le phénomène bureaucratique*. Paris: Le Seuil, 1963.
- CUVILLIER, A. *Où va la sociologie française?* Paris: Armand Colin, 1953.
- DARRAS (Groupe d'Arras). *Le partage des bénéfiques, expansion et inégalités en France*. Paris: Éditions de Minuit, 1966.
- DROUARD, A. *Le développement des sciences sociales en France au tournant des années soixante*. Paris: Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique, 1983.
- DUMAZEDIER, J. *Vers une civilisation des loisirs?* Paris: Le Seuil, 1962.
- \_\_\_\_\_. Masse, culture et loisir. *Diogène*, 44, p. 38-48, 1963.
- DUQUESNE, J. *Les 16-24 ans: une enquête de l'Institut Français d'Opinion Publique*. Paris: Le Centurion, 1963.
- FOWLER, . *Pierre Bourdieu and cultural theory: critical investigations*. Thousand Oaks: Sage, 1997.
- FRIEDMANN, G. La sociologie des communications de masse. *Revue de l'Enseignement Supérieur*, 1-2, p. 61-69, 1965.
- GAUDEZ, P. *Les étudiants*. Paris: Julliard, 1961.
- \_\_\_\_\_. L'orientation et la sélection des enfants d'âge scolaire dans le département de la Seine. *Population*, v. 8, n. 4, p. 649-672, 1953.
- GIRARD, A. Enquête nationale sur l'orientation et la sélection des enfants d'âge scolaire. *Population*, v. 9, n. 4, p. 597-634, 1954.
- \_\_\_\_\_. Orientation et sélection scolaires: une

- enquête sur les enfants à la sortie de l'école primaire. *Population*, 10, 4, p. 605-626, 1955.
- \_\_\_\_\_. L'origine sociale des élèves des classes de sixième. *Population*, v. 17, n. 1 [Repris dans ined, 1970, p. 32-45], 1962.
- GIRARD, A. BASTIDE, H. La stratification sociale et la démocratisation de l'enseignement. *Population*, v. 18, n. 3, p. 435-472, 1963.
- GOBLOT, E. *La barrière et le niveau*. Paris: Presses Universitaires de France [1re éd. 1925], 1967.
- GOGNIOT, G. *Laïcité et réformes démocratiques de l'enseignement*. Paris, Éditions sociales, 1963.
- GROSS, N. The sociology of education. In: MERTON, R. ; BROOM, L.; L. S. COTTRELL (Orgs.). *Sociology today: problems and prospects*. v. 1. New York: Harper and Row, p. 128-152, 1959.
- GURVITCH, G. *La vocation actuelle de la sociologie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1950.
- GURVITCH, G. *Traité de sociologie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1958.
- HALBWACHS, M. *Analyse des mobiles dominants qui orientent l'activité des individus dans la vie sociale*. Bruxelles, Solvay, Institut de sociologie [Rééd.: Esquisse d'une psychologie des classes sociales. Paris: Rivière, 1964], 1938.
- MASSON, P. *Population et l'enseignement*. Paris: Presses Universitaires de France, 1970.
- KATZ, E.; LAZARSELD, P. F. *Personnal influence: the part played by people in the flow of mass communications*. Glencoe: The Free Press, 1955.
- KLAPPER, J. T. *The effects of mass communications*. Glencoe: The Free Press, 1960.
- LAHIRE, B. (Org.). *Le travail sociologique de Pierre Bourdieu: dettes et critiques*. Paris: La Découverte, 1999.
- LOI, M. *Le désastre scolaire*. Paris: Editions Sociales, 1962.
- MALLET, S. *La nouvelle classe ouvrière*. Paris: Le Seuil, 1963.
- MENDRAS, H.; REYNAUD, J.D. *Éléments de sociologie générale*. Cours aux élèves de l'iep de Paris, 2 tomes, 1963.
- MONCHABLON, A. *Histoire de l'vsef de 1956 à 1968*. Paris: Presses Universitaires de France, 1983.
- MORIN, E. *L'esprit du temps: essai sur la culture de masse*. Paris: Grasset, 1962.
- NATANSON, J.; PROST, A. *La révolution scolaire*. Paris: Éditions Ouvrières, 1964.
- PASSERON, J. C; MOULIN, R.; VEYNE, P. Entretien com Jean Claude Passeron: un itinéraire de sociologue. *Revue Européenne des Sciences Sociales*, v. 34, n. 103, p. 275-354, 1996.
- PERETZ, H. Post-war philosophy and empirical sociology in France: the connection of the sixties and after. *International Journal of Politics, Culture and Society*, v 4, n. 4, p. 549-572, 1991.
- PEYRE, C. L'origine sociale des élèves de l'enseignement secondaire en France. *Recherches de Sociologie du Travail*, v. 5, École et société, p. 6-33, 1959.
- PINTO, L. *Les philosophes entre le lycée et l'avant-garde: les métamorphoses de la philosophie dans la France d'aujourd'hui*. Paris: L'Harmattan, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Pierre Bourdieu et la théorie du monde social*. Paris, Albin Michel, 1999.
- PLATT, J. The development of the "participant observation method in sociology: origin myth and history. *Journal of the History of the Behavioral Science*, v. 19, n. 4, p. 379-393, 1983.
- POIGNANT, R. *Démocratie, expansion économique et réforme de l'enseignement*, Communication aux journées nationales d'études du Bureau Universitaire de Statistiques et de Documentation Scolaire et Professionnelle, 26 septembre 1957, p. 3-11, 1957.
- PROST, A. *L'enseignement s'est-il démocratisé?* Paris: Presses Universitaires de France, 1986.
- REISMAN, L. Levels of aspirations and social class. *American sociological review*, v. 28, n. 3, p. 233-242, 1953.
- SABOT, J. Y. *Le syndicalisme étudiant et la guer-*

re d'Algérie. L'entrée d'une génération en politique et la formation d'une élite. Paris: L'Harmattan, 1995.

SAYER, A. Bourdieu, Smith and disinterested judgement. *The Sociological Review*, v. 47, n. 3, p. 403-431, 1999.

SWARTZ, D. *Culture and power: the sociology of Pierre Bourdieu*. Chicago: University of Chicago Press, 1997.

TRÉANTON, J. R. Poids et mesures. Dialogue imaginaire sur l'enseignement supérieur et la mobilité sociale. *Sociologie du travail*, v. 7, n. 4, p. 416-422, 1965.

VANNIER, P. *Un laboratoire pour la sociologie? Le Centre d'études sociologiques (1946-1968) ou les débuts de la recherche sociologique en France*. Thèse de sociologie. Paris: Université de Paris V, 1999.

## RESUMO

*Os Herdeiros* de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron se tornou um “clássico” da sociologia francesa da educação. Este artigo examina os principais elementos pertinentes, hoje esquecidos, do contexto intelectual, social e institucional no qual a obra foi elaborada. Ele apresenta o lugar da obra na sociologia da educação nascente, no início dos anos 1960, quando grande parte dos trabalhos era consagrada à democratização do ensino. A obra se distingue em vários pontos dos estudos anteriores sobre a escolarização, em particular, os de Alain Girard. Enfim, o artigo analisa os modos de coleta e de tratamento de dados adotados pelos autores de *Os Herdeiros*. Se o modo de coleta de dados parece muito “artesanal”, o modo de tratamento analítico parece introduzir certa inovação em relação às pesquisas anteriores. O exame crítico desse caso particular revela alguns traços característicos da história da sociologia francesa nos anos 1970.

## PALAVRAS-CHAVE

Sociologia da educação. Democratização do ensino. Desigualdades de oportunidades. Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron. *Os Herdeiros*.

## ABSTRACT

“Les Héritiers” by Pierre Bourdieu and Jean-Claude Passeron has become a classic in French education sociology. This article examines the principal relevant elements, today forgotten, as regards the intellectual, social and institutional context in which this classic was written. It presents the position of the book in the revived education sociology at the beginning of the 1960s, where a large part of the work focused on the democratization of education. The book is shown to be different to previous studies on schooling, in particular to those of Alain Girard, on several points. Finally, the article analyses the way data was gathered and processed by the authors of “Les Héritiers”. If the collection method appears to be very «traditional», the processing method introduces some innovation in comparison to previous research. By examining this particular case, the article presents certain characteristics of the history of French sociology in the 1960s.

## KEYWORDS

Sociology of education. Democratization of education. Pierre Bourdieu and Jean-Claude Passeron. The Inheritors.

Recebido em: 09/10/15

Aprovado em: 09/12/15